



DOI: <https://doi.org/10.59488/tragica.v17i1.56937>

Revista Trágica

Volume 17 - Número 1 ISSN 1982-5870

A captura de *Ecce homo* pelo topete do texto

The capture of Ecce homo by the crest of the text

Rodrigo Francisco Barbosa  

Doutor pela PUCPR, Curitiba, PR, Brasil. Contato: semcentro@gmail.com

Resumo: O objetivo deste trabalho é apresentar a hipótese de que há um *gesto sofista* na obra *Ecce homo*, de Nietzsche. No âmbito de desencapsular o gênero “autobiografia” associado à obra, ampliando as margens desse escrito para a compreensão de uma “doxografia sofisticada de si”, o que se segue é uma experimentação de caráter ensaístico. Para tanto, analiso e confronto esboços de títulos dos escritos a partir das “transcrições diferenciadas” da KGW IX/9, seguindo o debate de Pichler. Parto, portanto, de uma análise textual do “título” e sua performance dos tipos enquanto “hipotipose” para uma possível captura da *Persönlichkeit* pelo *topete*. Por fim, indico de que maneira essa *Persönlichkeit* eclode em meio a esses elementos que formam uma *monumentalidade* no estilo *doxosofista*.

Palavras-chave: Nietzsche; ecce homo; gesto sofista; escritos; doxografia sofisticada.

Abstract: The claim of this work is to present the hypothesis that there is a *sophistry gesture* in Nietzsche's work *Ecce homo*. In the context of uncap the “autobiography” genre associated with the work, expanding the margins of this writing for the understanding of a “sophistry doxography of the self”, what follows is an essayistic experimentation. To do so, I analyze and compare sketches of the titles of the writings from the “differentiated transcripts” of KGW IX/9 following Pichler's debate. Therefore, I start from a textual analysis of the “title” and its performance of the types as a “hypotypose” for a possible capture of *Persönlichkeit* by the *crest*. Finally, I indicate how this *Persönlichkeit* hatch out among these elements that form a *monumentality* in the *doxosophist* style.

Keywords: Nietzsche; ecce homo; sophistry gesture, writings; sophistry doxography.

Introdução

O presente trabalho é parte de um projeto mais amplo sobre os escritos de Nietzsche. Assim, tem seu alcance geral nos escritos do “último período” do filósofo alemão, pós *Zarathustra*, e, especificamente, na investigação da obra *Ecce homo* no âmbito de uma interpretação à luz de um “gesto sofista”. Isso implica compreender o texto de Nietzsche sob a base de um *estatuto de problematização dos meios* cujo gesto foi efetivamente *performedo* pelos sofistas na Antiguidade: trata-se daquilo que Cassin chama de “estatuto sofisticado da linguagem”, que Nietzsche explora por meio do que o século XX denominará como “filosofia dos meios”¹. Seja pelo fato de Nietzsche ter sido um dos primeiros filósofos do Ocidente a utilizar uma máquina de escrever², seja por seu *decorum tipográfico* que implica o uso dos meios materiais de sua época para produzir efeito no leitor, do uso da *Sperrsatz* pelo editor³, ao uso compulsivo de elementos não verbais (como travessões, reticências etc.), trata-se de uma *performance dos signos* no interior desse “estatuto” que Cassin reitera. Aquilo que Peter Sloterdijk não consegue identificar no “evento Nietzsche”, que a “catástrofe na história da fala”⁴ representaria, é, precisamente, uma inserção de Nietzsche no interior da *catástrofe sofisticada do discurso* e toda a sua potência de *produzir mundo* por meio da linguagem.

No intuito de apresentar o argumento mais geral do “gesto sofista” e seu desdobramento enquanto “doxografia sofisticada de si”, o texto que se segue parte de uma análise do “título” e sua performance dos “tipos” enquanto “hipotipose” e possível captura da *Persönlichkeit*. Assim, tal gesto é indicado na condução que vai da compreensão da complexidade das funções dos “tipos”, “figuras” e “máscaras” enquanto *hipotipose sofisticada* até elementos tipográficos que contribuem para pensar, ainda, a dimensão da “paródia” ali contida. Além disso, realizo uma tentativa de *contrastação* entre os esboços de títulos de *Ecce homo* com o título estabelecido como “final” no intuito de exemplificar a possibilidade de interpretação das anotações de Nietzsche e a riqueza das *dinamizações* que podem ser dali extraídas, vislumbrando seus processos de *autorreflexão textual*. Por fim, indico de que maneira essa *Persönlichkeit* eclode em meio a esses elementos que formam uma *monumentalidade* no estilo *doxosofista*.

¹ FIETZ, apud PICHLER, A. *Philosophie als Text – Zur Darstellungsform der Götzendämmerung*, p. 60 e JAHRAUS, O. “Medienphilosophie” In: FEGER, H. *Handbuch Literatur und Philosophie*, p. 293.

² Nietzsche foi um dos primeiros filósofos a experimentar a máquina de escrever e, segundo mencionado em reportagem do jornal alemão *Spiegel*, “ela” o “levou ao desespero” (IKEN, K. “Klack-Klack-Klack-Klack-Bing!”, [sem paginação, online]. Cf. especialmente: “RAHN, T. *Delle nuove tavole. Sull’arte tipografica come mezzo interpretativo in Nietzsche*” In: LOSSI, A.; ZITTEL, C. *Nietzsche scrittore. Saggi di estetica, narratologia, etica*, pp. 89-113 e DISSER, M. *Friedrich Nietzsche und das “Experiment Schreibmaschine”*, pp. 47-51).

³ Adiante, explico tal tipografia: Cf. BEINERT, W. *Das Lexikon der Typografie*, [sem paginação, online].

⁴ SLOTERDIJK, *Nietzsche Apostle*, p. 08.

Do título à performance dos *tipos* como “hipotipose” e captura da *Persönlichkeit*⁵

“ – Se eu sou um filósofo? – mas o que importa isso!..”⁶

Iniciando pelo título e, simultaneamente, estendendo a análise para o corpo dos segmentos de obra⁷ e os principais títulos das seções, o presente *ensaio* localiza a noção de “hipotipose” para a identificação em *Ecce homo* de elementos como a construção de “tipos”, “figuras”, “máscaras” e “paródia” na captura da *Persönlichkeit*, como efetivamente performance de um *gesto sofista*. Além disso, elementos constitutivos da materialidade do texto são delineados tanto no âmbito de uma “arte da tipografia”, enquanto ordenação tipográfica do texto impresso, quanto na exploração de aspectos textuais rítmicos, como elementos de pontuação que orbitam o tema da “paródia” no interior de uma concepção já conhecida de “orientação para linguagem falada” e “musicalização ou ritmização” dos escritos de Nietzsche⁸. Nesse sentido, o gesto sofista é aqui ilustrado como o quadro temático, fecundado naquilo que denominei de “autossupressão” da filologia⁹, que ampara uma confluência de questões do âmbito da sofística. Mais precisamente, o enredo e as bifurcações temáticas da *segunda sofística*, sua “hipotipose”¹⁰. No caso de Nietzsche, esse quadro temático se articula na necessidade de testar os limites da censura da imprensa alemã do século XIX¹¹ e na “intenção de efeito” de apresentação junto à “Transvaloração”¹². Especificamente, tal *gesto* está ligado ao anseio de *ubiquidade historiográfica* (que chamo doxográfica)¹³ de determinar narrativamente a autoridade de seus escritos e suas heterodoxias filosóficas a partir de

⁵ Esse trabalho é parte da tese de doutorado de BARBOSA, R. F., intitulada “Nietzsche e o gesto sofista na linguagem”.

⁶ Trecho do final da carta de 10 de abril de 1888 de Nietzsche a Georg Brandes em que o filósofo sumariza sua vida e obra em um “Vita”.

⁷ O que eu *embaralho* propositalmente aqui enquanto “segmento de obra”, “seguimento de texto” etc., Pichler debate detalhadamente em sua tese. Não apenas aceito a problematização da definição de aforismo de Pichler, como *performs* de modo mais livre aqui o *gênero textual limítrofe* a que esses supostos aforismos de Nietzsche estariam mais vinculados: ou seja, a ideia de *ensaio*. Cf. PICHLER, A. *Philosophie als Text – Zur Darstellungsform der Götzendämmerung*, p. 120.

⁸ Cf. BARBOSA, R. F. *Paracaracterísticas dos modos de escrita de Nietzsche*, pp. 198-215.

⁹ Cf. BARBOSA, R. F. *A Witz sofística na filologia de Nietzsche*, pp. 65-101.

¹⁰ Como salienta Cassin: “a segunda sofística “faz a hipotipose” (CASSIN, B. *O efeito sofístico*, p. 197).

¹¹ Seja expresso implicitamente e textualmente verificável no primeiro período do Prólogo §1 como um “...parece-me indispensável dizer quem sou.”, seja como um “efeito de intenção” do autor relatado em cartas, 1137 – 30/10/1888 a Köselitz.

¹² LANGER, D. *Wie man wird, was man schreibt. Sprache, Subjekt und Autobiographie bei Nietzsche und Barthes*, p. 101.

¹³ Isto é, na “onipresença” de narrar as tantas *personalidades* que se pode ser: “ubiquidade ou ubiquação. s.f. Caráter ou estado de ubíquo; onipresença” (RODRIGUES, D.; NUNO, F. *Larousse escolar da língua portuguesa*, p. 767).

um distanciamento sutil, tal como, a meu ver, um *doxógrafo tardio*¹⁴ que, sob o julgo de uma “apoteose do eu”,¹⁵ se afigura sob o destino/sorte de apresentar-se sob máscaras¹⁶.

Se tomarmos a descrita necessidade de testar os limites da censura alemã como expressão de “influência política” e a “intenção de efeito” de *apresentação* junto à “Transvaloração” como parte de uma “arte oratória”¹⁷, então, de início, já poderíamos considerar Nietzsche como um daqueles filósofos que, dentre outras qualidades¹⁸, podem ser “inscritos na lista dos sofistas”, na medida em que “ao filosofarem”, especialmente sob essas determinações mencionadas, “fazem coisas sofisticadas”¹⁹, exatamente nos moldes que se encontram os “índices extremos de sofisticação” que incluem, por exemplo, a “arte do tempo, arte da contradição e arte do som”: aspectos, em certa medida, já caracterizados como constitutivos dos escritos de Nietzsche²⁰.

Desse modo, partimos da ideia de que Nietzsche, enquanto um “sofista”, “só se apoia em sua própria autoridade”²¹ e *performa* “palavras cheias de nobreza e de confiança” quase que de um modo “oracular”²² em *Ecce homo*. É nesse sentido que esse gesto de destaque à problemática da interpretação do discurso²³ oscila textualmente entre o repetido anseio do divino e a paixão e humilhação humanas²⁴, e que a noção de “hipotipose”, especificamente no âmbito da “segunda sofística”, aparece como elemento fundamental. Por meio das afirmações de Filóstrato, considerado o *nomoteta* da segunda sofística²⁵, Cassin delinea exatamente o quadro sob o qual as “hipotiposes” são características dessa última: a partir de uma mudança de direção da *mimesis* para uma “*mimesis* sofisticada”, ou seja, “de imitação da cultura, de imitação de segunda ordem, de tal modo que todo discurso seja um discurso de discurso”²⁶. A “hipotipose” aparece como um dos elementos fundamentais do deslocamento temático que a sofística opera em direção a sua constituição como uma “retórica historizante”²⁷. Isso significa que, nesse contexto, no contraste com a “tese” dos “filósofos” como “questão indefinida”, a

¹⁴ Aquilo que, a outros propósitos, Giacóia chama de “tentativa desesperada de ser o autor de sua *própria estória*”, assumindo “ao mesmo tempo, o sobre-humano papel de autor e personagem de si mesmo” (GIACÓIA, O. *Nietzsche: o humano como memória e como promessa*, p. 276).

¹⁵ Cf. “Apotheoses des Ichs”, LANGER, D. *Wie man wird, was man schreibt. Sprache, Subjekt und Autobiographie bei Nietzsche und Barthes*, p. 100.

¹⁶ Conforme destaca Langer, aparece desde 1885 em cartas e se efetiva na textualidade das “figuras” de outros escritos do último período de Nietzsche.

¹⁷ CASSIN, B. *O efeito sofisticado*, p. 192.

¹⁸ Na indicação de Cassin à descrição de Filóstrato sobre *Dion* e *Favorino*: CASSIN, B. *O efeito sofisticado*, p. 192.

¹⁹ “(*sophistika sophistou*, 487; *sophistikotatai*, 488; *sophisten* [...] *sophistei*, 491)” (Ibidem).

²⁰ Cf. BARBOSA, R. F. *Paracaracterísticas dos modos de escrita de Nietzsche*, pp. 198-215.

²¹ CASSIN, B. Op. Cit., p. 194.

²² Ponto característico segundo Filóstrato da “antiga sofística” (Ibidem, p. 193).

²³ No caso do “privilegio do uso” que a característica “oracular” da ressalva de Filóstrato recobre e cuja prática logológica implica um cenário de *entrada* na “era da hermeneutica” CASSIN, B. Ibidem, p. 194.

²⁴ Conforme o “paradoxo cristológico” de Detering que Sommer menciona: SOMMER, A. U. *Nietzsche-Kommentar. Kommentar zu Nietzsches Der Antichrist. Ecce homo. Dionysos-Dithyramben. Nietzsche contra Wagner*, p. 354.

²⁵ “a segunda sofística se “autonomeia” e é Filóstrato o *nomoteta*” (CASSIN, B. Op. Cit., p. 198).

²⁶ Ibidem, p. 187.

²⁷ “a segunda é uma *historousa rhetorike*, uma “retórica historizante” (Ibidem, p. 198).

descrição de Filóstrato da “hipótese” enquanto “questão definida”²⁸ permite refinar a especificidade etimológica da “hipotipose” como prática sofística, isto é, a “hipotipose” designa precisamente “a “impressão” deixada ao bater uma matriz, o “tipo” em todos os sentidos do termo” cujo “sentido retórico enfatizado por Quintiliano” seria “um esboço tão vivo ‘que acreditamos ver mais do que ouvir’”²⁹.

É assim que a segunda sofística, por meio das *hipotiposes*, “descreve em linhas gerais caracteres [...] e tira daquilo que a história ‘traz’ [*agei*] e ‘narra’ os casos que cabem assim sob um nome”³⁰ e, sobretudo, o não reconhecimento aqui dessa amplitude das “hipotiposes” – e seu especial jogo com o tipo na imbricabilidade entre *história* e *ficção* – faz com que, a meu ver, muitos intérpretes de Nietzsche reconheçam termos como “biografia” e “genealogia” à luz dessa “questão universal” que é a “tese” para o “filósofo”. “Hipotipose”, aqui, deve ser compreendida na amplitude de uma “ficção significante” como aquela descrição caricatural de Diógenes do “nome próprio de ‘Tales’ como ‘ruga doxográfica na superfície da água’”. Portanto, é nesse fazer funcionar precisamente “a amplitude do termo *história*, história-investigação (nossa ciência histórica) e história-narrativa”³¹ e em sua *fricção* no vórtice do gênero da ficção, que *Ecce homo* parece eclodir como um gesto sofista.

Consequentemente, é nesse sentido que a “hipotipose” é aqui orientada sob a característica da tipificação que gira em torno do conceito de “tipo”³². Nesse sentido, a “hipotipose” enquanto uma espécie de tipo, fundamentalmente como “crítica ao uso de conceitos abstratos”³³ e crítica da “subjetividade”³⁴ em que “tipo, esquema, ou personalidade”³⁵, no limiar “entre o plano individual e o geral”³⁶, atuam precisamente junto à “liberdade de [Nietzsche] se concentrar no destacamento de poucas características e exagerar então de modo unilateral”³⁷. Trata-se de uma composição “a partir de traços deliberadamente exagerados”³⁸, na medida em que se estiliza “tipos em sentido positivo como exemplo, ou em sentido negativo como contra-modelo”³⁹ cujo objetivo seja “a configuração de um tipo ou forma de vida que tenha um alcance exemplar”⁴⁰. Um *jogo* com o “tipo” que, somado ao âmbito da personalização ou

²⁸ Ibidem, pp. 196-197.

²⁹ CASSIN, B. *O efeito sofístico*, nota 66, p. 197.

³⁰ Ibidem.

³¹ Ibidem.

³² HAVEMANN, D., “Tipo” In: NIEMEYER, C. *Léxico de Nietzsche*, p. 540; CHRISTIANS, “Typus” In: OTTMANN, H. *Nietzsche-Handbuch*, p. 341; PICHLER, A. *Philosophie als Text – Zur Darstellungsform der Götzendämmerung*, p. 116.

³³ CHRISTIANS, I. “Typus” In: OTTMANN, H. *Nietzsche-Handbuch*, p. 341.

³⁴ HÖDL, H. G. *Der letzte Jünger des Philosophen Dionysos. Studien zur systematischen Bedeutung von Nietzsches Selbstthematizierungen im Kontext seiner Religionskritik*, p. 562.

³⁵ LOPES, R. A. *Elementos de retórica em Nietzsche*, p. 133.

³⁶ CHRISTIANS, I. “Typus” In: OTTMANN, H. *Nietzsche-Handbuch*, p. 341.

³⁷ HAVEMANN, D. “Tipo” In: NIEMEYER, C. *Léxico de Nietzsche*, p. 540.

³⁸ LOPES, R. A. *Elementos de retórica em Nietzsche*, p. 133.

³⁹ CHRISTIANS, I. “Typus” In: OTTMANN, H. *Nietzsche-Handbuch*, p. 341.

⁴⁰ Na “Seção 2” do 3º capítulo de seu livro, Lopes mostra como “segundo alguns aspectos, a filosofia de Nietzsche pode ser filiada” ao “paradigma indiciário nas ciências humanas do final do século XIX e início do século XX” caracterizado pelo “historiador italiano Carlo Ginzburg”: LOPES, R. A. *Elementos de retórica em Nietzsche*, pp. 133-152.

personificação aparece como uma “realização performativa de uma supostamente central (hipo)-‘tese’ nos textos tardios de Nietzsche”.⁴¹ Na esquivada vinculação do perspectivismo com questões epistêmicas⁴², trata-se de compreender esse processo de *manipulação doxográfica* de tipos, pessoas e figuras como “ficção significante” cuja “letra de uma citação”, por exemplo, ali vinculada, “deve [...] ser lida não como um fato mas como um sentido”⁴³.

Visto por essa ótica, um dos índices de identificação daquilo que aparece como hipotipose pode ser indicado pelo sintagma em latim que corresponde à primeira parte do título da obra e é uma das mais importantes hipotiposes desse escrito: *Ecce homo*. Por exemplo, até o ano de 1876, quando aparece um esboço em apontamento póstumo, o uso do termo latino “*ecce*”, por parte de Nietzsche, ocorre apenas em cartas específicas a mãe Franziska Nietzsche e diz respeito à cerimônia celebrada aos falecidos de Pforta, na qual se entoa o “*ecce quomodo moritur justus*”, isto é, o texto para coral composto por Jacob Handl que tem como fonte Isaias 57,1-2⁴⁴. Com exceção de 1882, quando surge a forma completa “*Ecce homo*” como título de um poema de *A gaia ciência*⁴⁵, “*ecce*” ainda aparece em outras menções em textos póstumos, no entanto, como forma completa do sintagma em referência ao título da obra “*ecce homo*” surge apenas em 1888 e tem todas as suas outras ocorrências em cartas. Há ainda o registro de que o sintagma aparece escrito nas margens dos livros de Emerson da biblioteca de Nietzsche⁴⁶ e orbita o significado da referência que o filósofo interpreta, a seu modo, *performativamente*⁴⁷, à fala de Goethe ao encontrar Napoleão: “*Voilà, un homme*”⁴⁸. Aqui, o ponto fundamental é o fato de o sintagma ocorrer, a meu ver, como uma espécie de repetição que torna manifesto o rastro semântico de um dos textos fundadores⁴⁹ de que se quer “manipular os sentidos”, em

⁴¹ PICHLER, A. *Philosophie als Text – Zur Darstellungsform der Götzendämmerung*, p. 112.

⁴² Cf. as ressalvas de Pichler sobre a *problemática* da “personalização” vinculada à noção de “perspectivismo”, que também é *problemática*, e cuja alternativa consiste no refinamento elaborado por van Tongeren nas discussões sobre a “personificação” (Ibidem, p. 113) ou na vinculação das *figuras* por Deteering ao âmbito da “narratologia” (Ibidem, nota 290, p. 114).

⁴³ E ainda “O estudo mais detalhado, [...] dos parentescos de estrutura não deve nos fazer esquecer que, de início [sic] e antes de tudo, a doxografia manipula sentidos e não fatos” (CASSIN, B. *Se Parmênides. O tratado anônimo De Melisso Xenophane Gorgia*, p. 127).

⁴⁴ HANDL, J. *Ecce quomodo moritur justus*, [sem paginação, online].

⁴⁵ De acordo com Benne, o jogo narrativo desse poema está em íntima conexão com o jogo narrativo posterior do prefácio de 1887: BENNE, C. “La ricerca poetica di Nietzsche: un’etica dell’amicizia” In: LOSSI, A.; ZITTEL, C. *Nietzsche scrittore. Saggi di estetica, narratologia, etica*, p. 46.

⁴⁶ “Ralph Waldo Emerson” MORE, N. D. *Nietzsche's Last Laugh. Ecce Homo as Satire*, p. 40.

⁴⁷ Nota do tradutor Paulo Cesar de Souza: NIETZSCHE, F. *Ecce homo: como alguém se torna o que é*, nota 117, pp. 217-218.

⁴⁸ Martínez ainda destaca que uma “segunda possibilidade de tradução” do sintagma latino poderia ser algo como “*Da ist ja ein Mensch*” que conectaria exatamente a essa passagem relacionada a Goethe: MARTÍNEZ, R. S. »*Aufzeichnungen eines Vielfachen*« *Zu Friedrich Nietzsches Poetologie des Selbst*, p. 266; bem como, MORE, N. D. Op Cit., p. 40.

⁴⁹ CASSIN, B. *Se Parmênides. O tratado anônimo De Melisso Xenophane Gorgia*, p. 113.

sua possível “reificação de um sentido”⁵⁰, na mesma medida em que aparece como um gesto de uma triunfante revidação⁵¹, uma bofetada sofista⁵².

Isso aponta para o fato de que, ao ser apresentado como uma “hipotipose” que se estende posteriormente à indiferença da indeterminação do pronome “man”, em complementariedade ao julgo do espelhamento da conjunção “ou” no subtítulo⁵³, então reduzido ao abismo de um “ponto”⁵⁴, a repetição do sintagma mostra como *Ecce homo*, enquanto gesto sofista, “não tem nada a dizer, ele diz”⁵⁵, ou seja, demarca sua própria constituição como *discurso segundo ou crítico*⁵⁶. Por outro lado, até mesmo Peter Sloterdijk, um dos críticos contemporâneos do filósofo alemão, chega a reconhecer o uso feito por Nietzsche dos textos sagrados como um *contra-modelo*, cujo “sentido” dos textos é *parodicamente* “invertido”⁵⁷.

Especialmente no título, o sintagma parece confirmar inclusive a possibilidade de compreensão de uma “primeira leitura” que vê a obra “como um tipo de *autohagiografia*, isto é, *uma autobiografia de santo* que “coloca o Anticristo na perspectiva” que “nega toda construção histórica da salvação do cristianismo” na mesma medida em que “faz uso da história da salvação na perspectiva do Anticristo mesmo”⁵⁸, cuja coerência complementar poderia ser ilustrada, a meu ver, pela presença da oposição final do segmento de obra⁵⁹ nas figuras de “Dionísio contra o Crucificado...”⁶⁰. Vale lembrar que o sintagma, na *topografia da autorreflexividade* que se observa nos esboços dos títulos até o manuscrito impresso⁶¹, é fixado no interior de um complexo de *autorreflexões* em que

⁵⁰ Sobre os elementos compreendidos como “fatos” na “doxografia”: Ibidem, p. 126. e “Texto fundador” CASSIN, B. *O efeito sofisticado*, p. 22.

⁵¹ SOMMER, A. U. *Nietzsche-Kommentar. Kommentar zu Nietzsches Der Antichrist. Ecce homo. Dionysos-Dithyramben. Nietzsche contra Wagner*, p. 354.

⁵² “bofetada crítica de Górgias” CASSIN, B. *O efeito sofisticado*, p. 46.

⁵³ Ao que Cassin chama de “princípio da indiferença”, aqui é relacionado ao âmbito do *excesso de identidade* da voz narrativa: “A partícula ‘man’ da fórmula nietzscheana indica a escrita em 3ª pessoa do singular e, nesse caso, uma escrita impessoal” (VIESENTEINER, J. L. *Nietzsche e a vivência de tornar-se o que se é*, pp. 293-294).

⁵⁴ Refiro-me as transformações nos esboços dos títulos que, nessa forma já acabada de “Ecce homo”, somado a “Wie man wird, was man ist”, recebe primeiramente o “ponto” junto a complementariedade da *conjunção* “ou” (“*Ecce homo./ oder / wie man wird, was man ist*”) e tem seu acabamento na versão reconstruída impressa da KSA apenas o “ponto” (com a retirada da conjunção) que separa “Ecce homo” da *emendatio* de Píndaro “Wie man wird, was man ist” KSA 6, p. 255.

⁵⁵ CASSIN, B. *Se Parmênides. O tratado anônimo De Melisso Xenophane Gorgia*, p. 100.

⁵⁶ “o discurso do sofista não é jamais primeiro” (Ibidem, p. 101).

⁵⁷ SLOTERDIJK, P. *Philosophical Temperaments. From Plato to Foucault*, p. 81.

⁵⁸ MÜLLER, E.; SOMMER, A. U. “Einleitung zur Werkstatt” In: RESCHKE, R. *Nietzscherforschung*, p. 128.

⁵⁹ Sobre a controvérsia entre “aforismo” e “segmento de obra”: Cf. PICHLER, A. *Philosophie als Text – Zur Darstellungsform der Götzendämmerung*, pp. 117-122.

⁶⁰ NIETZSCHE, *Por que sou um destino* §9, p. 117; KSA 6, p. 373.

⁶¹ Cf. HÖDL, H. G. *Der letzte Jünger des Philosophen Dionysos. Studien zur systematischen Bedeutung von Nietzsches Selbstthematierungen im Kontext seiner Religionskritik*, pp. 508-519.

um “múltiplo”⁶² deve ser cristalizado⁶³ na específica representação de hipotipose que encerra um dos precisos *contra-modelos*: a figura histórica de Jesus performada pelas palavras de Pilatos. Em conformidade com isso, temos ainda o fato de que, o sintagma usado por Nietzsche faz parte da versão da Vulgata em latim e, especificamente nessa forma, diferente da versão por exemplo de Lutero no alemão⁶⁴, “não é possível distinguir se o homem expresso é acompanhado do artigo determinado ou indeterminado”, ou seja, não se pode saber se trata de “*uma* ou *a* pessoa”⁶⁵.

Assim, no transcurso das elaborações de Nietzsche, por exemplo, no núcleo que constitui a versão “*Ecce-homo-original*” surge uma série de outros esboços de títulos que tornam “clara a orientação temática de pontos resultantes dos textos em diferentes direções”⁶⁶ e que, supostamente, vão da aparente ênfase de uma “autobiografia convencional” na “ambição muito séria de estilo *romano*” às “anotações de um múltiplo”⁶⁷ que, segundo Sommer, “apenas condicionalmente obedece uma intenção de efeito linear”⁶⁸. Para além do material textual dos esboços, o título na formulação que se tornou definitiva aparece, primeiramente, em carta ao amigo Köselitz, na ambiguidade referenciada do “ou”. Na sequência, em carta de 06 de novembro ao editor Naumann, Nietzsche apresenta o título da obra já na versão definitiva que conhecemos. Aquelas “diferentes direções” a que Sommer se refere sobre a “orientação temática” dos títulos aparecem na forma de três elaborações de título realizadas por Nietzsche, que Hödl desenvolve em sua tese⁶⁹: a) “O espelho”, que corresponde ao esboço “O espelho / Tentativa / de uma autoapreciação”, referenciado nos apontamentos de 1888 em “24[5]”⁷⁰; b) “Vademecum” correspondente ao esboço “Vademecum. / Da razão da

⁶² Trata-se da mencionada *direção de multiplicidade* que os esboços de título conduzem, por exemplo: “Fredericus” (KSA 13, 24[4], p. 633); “Espelho-motiv” (KSA 13, 24[5] p. 633); “Vademecum ...” (KSA 13, 24[8], p. 634); e “Anotações de um múltiplo” (KSA 13, 24[3], p. 632). Cf.: SOMMER, A. U. *Nietzsche-Kommentar. Kommentar zu Nietzsches Der Antichrist. Ecce homo. Dionysos-Dithyramben. Nietzsche contra Wagner*, p. 328 e HÖDL, Op. Cit., pp. 508-519.

⁶³ Ao mencionar as “500.000 opiniões” que Nietzsche utiliza entre aspas num apontamento póstumo, (e que, a princípio, lembra os inúmeros esboços de título feitos pelo filósofo: KSA 11, 34[1]. Viesenteiner, (VIESENTEINER, J. L. *Nietzsche e a vivência de tornar-se o que se é*, pp. 119-120) utiliza a expressão no intuito de enfatizar a relação entre “vivência” e *narrativa*, no intuito de destacar como se trata de “construir as mais variadas perspectivas sobre si mesmo através de ‘500.000 opiniões’”. No entanto, (uma vez que prioriza o enfoque da “vivência” como crítica da “razão da vida”) o intérprete não salienta dois aspectos que me parecem interessantes de serem destacados e que podem resultar da análise do restante do apontamento: 1) *a necessidade que aparece de cristalização de uma multiplicidade* e 2) *o fato de que se trata efetivamente de “opiniões”*; verto o trecho: “Basicamente, a palavra é para mim festiva: eu gostaria de chamar o livro, como melhor me agradasse, ‘500.000 de opiniões’, mas, deste modo, soaria farsesco aos meus leitores. Em consideração assim a meus leitores — — —”.

⁶⁴ Como indica MARTÍNEZ, Lutero traduz por “um homem”. MARTÍNEZ, R. S. *Aufzeichnungen eines Vielfachen Zu Friedrich Nietzsches Poetologie des Selbst*, p. 266.

⁶⁵ *Ibidem*.

⁶⁶ SOMMER, A. U. *Nietzsche-Kommentar. Kommentar zu Nietzsches Der Antichrist. Ecce homo. Dionysos-Dithyramben. Nietzsche contra Wagner*, p. 328.

⁶⁷ Discutirei esses esboços adiante. Cf. HÖDL, H. G. *Der letzte Jünger des Philosophen Dionysos. Studien zur systematischen Bedeutung von Nietzsches Selbstthematizierungen im Kontext seiner Religionskritik*, pp. 508-524.

⁶⁸ SOMMER, Op. Cit., p. 328.

⁶⁹ Cf. capítulos “5.2.1. „Der Spiegel“ und „Vademecum“” e “5.2.2. Aufzeichnungen eines Vielfachen” respectivamente, HÖDL, Op. Cit., pp. 508-515 e pp. 516-518.

⁷⁰ KSA 13, 24[5], p. 633.

minha vida” e referenciado nos apontamentos de 1888 em “24[8]”⁷¹; e c) “Anotações de um múltiplo”, que corresponde ao esboço “Ecce homo / Anotações / de um Múltiplo”, referenciado nos apontamentos de 1888 em “24[3]”⁷². Essas elaborações são sintetizadas por Sommer da seguinte maneira: com “o Espelho-Motiv já nas autobiografias de Nietzsche de 1858” o esboço “a” teria como objetivo uma “autoavaliação crítica”; em contraste, no esboço “b” “espera-se um manual de autoinspiração”⁷³; por fim, no esboço “c” semelhante à interpretação de Martínez, cujo livro leva o título do esboço⁷⁴, se “abre o horizonte para a variedade de possibilidades de autointerpretação que pode corresponder à diversidade das obras e da personalidade de Nietzsche”⁷⁵.

Em termos de pensar alguma possível *alteração autoreflexiva* contida nesses esboços que as anotações diferenciadas nos cadernos revelam e que constituem um dos processos da *autorreflexão* de Nietzsche que Pichler muito salienta, há, primeiramente, um aspecto importante em “a” que deve ser salientado. Na edição diferenciada da KGW tomo IX, “a” encontra-se em tinta preta quase na parte centro-esquerda da página. Ao seu lado esquerdo estão riscadas três retas (formando metade de um quadrado) que envolvem metade do esboço do título, como se fosse para cobri-lo com o tradicional quadrado riscado que Nietzsche utiliza nos esboços. Ao lado direito do esboço encontra-se uma série de anotações sobre “décadence da cultura”, “tipos” etc. O problema que parece central nessa versão do esboço é o fato que há uma diferença de palavras entre a versão da KSA – comentadas e interpretadas por Sommer e Hödl –, e a versão da KGW tomo IX: enquanto na versão da KSA temos o termo “Selbstabschätzung”, que significa algo como “autoapreciação”, na versão *diferenciada*, encontramos o termo “~~Selbstschilderung~~” e “Selbstschilderung” que significa, de modo diferentemente nuançado, algo como “autodescrição”⁷⁶. Pode ser que precisamente na edição recente da versão diferenciada dos cadernos o termo tenha sido corrigido, pois na página há a referência precisa à numeração como ela é encontrada na KSA como 24[5]. Além disso, especificamente esse termo sofre ainda uma alteração de Nietzsche: a forma composta de “~~Selbstschilderung~~” é riscada e em acréscimo, abaixo dela, Nietzsche acrescenta a mesma formação da palavra com a adição da partícula “ab” que, nesse caso, parece dar um sentido de “até o fim” (“Selbstabschilderung”), na medida em que se trata, nesse *Espelho-Motiv*, de apresentar “O espelho./// Tentativa/ de uma autodescrição./ De// Friedrich Nietzsche”.

⁷¹ KSA 13, [8], p. 634.

⁷² KSA 13, 24[3], p. 632.

⁷³ SOMMER, A. U. *Nietzsche-Kommentar. Kommentar zu Nietzsches Der Antichrist. Ecce homo. Dionysos-Dithyramben. Nietzsche contra Wagner*, p. 328.

⁷⁴ Em termos de pensar, a partir do esboço e das anotações de Nietzsche, a abertura de possibilidades do sujeito. Assim, a complexa discussão de Martínez poderia ser sintetizada da seguinte forma: há uma espécie de “poetologia de si” na obra de Nietzsche, “que se relaciona no processo de auto modelagem” a partir de um duplo aspecto, primeiro por uma “concepção de sujeito plural e individualística” e, segundo, por meio de “sua identificada autorreferencialidade no plano da autoria e modo de escrita do filosófico-literário egocentrismo”. MARTÍNEZ, R. S. *Aufzeichnungen eines Vielfachen Zu Friedrich Nietzsches Poetologie des Selbst*, p. 343.

⁷⁵ SOMMER, Op. Cit., p. 328.

⁷⁶ KGW IX, W II 9, p. 97.

Por outro lado, o esboço “b” apresenta apenas uma alteração de menor relevância: distribuído no meio-inferior da página, o esboço em tinta preta parece inserido no meio de um segmento de texto e, talvez por isso, os editores da KSA separaram texto e esboço de título em duas numerações de referências distintas, 24[7] e 24[8]. A alteração existente no esboço é referente à preposição inicial, que se segue após o espaço de parágrafo do termo em latim “Vademecum.”: Nietzsche risca “~~Aus~~” e acrescenta logo acima “Von”, o que não muda substancialmente o sentido da frase em questão. Esse esboço é importante pois fornece a Stegmaier o mote daquilo que chama de “crítica da razão da sua vida” em *Ecce homo* e *O anticristo*⁷⁷.

Além disso, no esboço “c”, encontramos uma outra sutil alteração na versão da edição diferenciada, que oferece precisamente a dimensão, salientada por Sommer, das “diferentes direções” pelas quais a determinação da fixação de um título se orientava: escrito à lápis na parte superior da folha após o sintagma em latim “Ecce homo.” sublinhado e com ponto; mais dois espaços de parágrafos, a palavra “~~Erste~~” aparece riscada na sentença completa de “~~Erste~~ Aufzeichnungen / eines Vielfachen.” do que seria o título. Segue-se, após quatro espaços de parágrafos, uma enumeração, possivelmente dessa multiplicidade de vozes que devem, talvez, ser unificadas pela ideia de “um”. Aqui, é interessante o fato de “~~Erste~~” aparecer riscado, pois indica uma mudança sutil ao atualizar o aspecto de que talvez não seja importante que se indique que essas “anotações de um Múltiplo” sejam anotações primeiras ou iniciais. Conforme já mencionado, esse esboço é utilizado por Martínez, inclusive, como parte do título de seu livro, no qual busca explicitar de que maneira “através da egocentrada autorreferência que se realiza no ato das anotações surge”, no curso das obras de Nietzsche, “uma unidade estrutural e autorreferenciada, que não abole as multiplicidades mas sim, ao contrário, apenas [as torna] possível e preserva”⁷⁸. Em complementariedade a esse, há ainda um esboço semelhante, mas com uma ligeira variação do sintagma em latim, que é referido na KSA como 24[2]. Escrito à lápis na parte inferior da página, na qual se observam vários tópicos e uma sentença que diz “os livros caracterizados”, acima do esboço do título constituído por: “In media vita./././ Anotações de um / Concebível. / Von / F. N.”.

Para além da descrição desses esboços indicados, surge, por exemplo, o esboço na forma do sintagma em latim (que parece não existir correspondente na KSA), no topo de uma página, sublinhado e em tinta marrom: “Ecce homo.”⁷⁹. O título parece indicar ali, como num quadro de contínuas anotações sobre um tema num caderno, a referência àquilo que as anotações ali contidas se destinam. Nessa mesma página, por exemplo, vemos o processo de reflexão de Nietzsche por meio de palavras riscadas e sublinhadas ao serem substituídas: a linha que se segue após um espaço de parágrafo indica a passagem do prólogo §2, em que Nietzsche risca o verbo “~~observar~~” e sobrepõe acima o verbo “aprender” sublinhado, que permanece na versão final, ou seja, inicialmente, teríamos “os velhos [ídolos] que observem o que significa ter pés de barro” que a

⁷⁷ Cf. Capítulo 2 “A crítica da razão da sua vida. Para uma interpretação de *O Anticristo* e *Ecce homo*” STEGMAIER, W. *As linhas fundamentais do pensamento de Nietzsche: coletânea de artigos: 1985-2009*, pp. 44-61.

⁷⁸ MARTÍNEZ, R. S. *Aufzeichnungen eines Vielfachen Zu Friedrich Nietzsches Poetologie des Selbst*, p. 343.

⁷⁹ KGW IX, W II 9, p. 47.

alteração textual transforma em “os velhos [ídolos] que aprendam o que significa ter pés de barro”⁸⁰. Como é possível notar, a simples mudança (auto)reflexiva do verbo radicaliza a extensão da crítica no sentido em que não basta os ídolos *observarem*, eles devem *aprender* essa difícil constatação do que é “ter pés de barro”. Ainda nesse contexto, há um esboço com o sintagma em latim “Ecce homo.” junto a um esboço de título que se torna título do capítulo “O que devo aos antigos”, de *O crepúsculo dos ídolos*: nesse esboço, escrito à lápis de cor marrom, que se encontra em meio a anotações da seção 1 e outras variações do título daquele capítulo, o sintagma aparece sem muitos problemas ou alterações⁸¹ e, devido a essa disposição junto a segmentos e texto, os editores da KSA separam esboços de título de segmentos de texto⁸².

No mesmo sentido, encontramos dois outros esboços ainda com o sintagma em latim adicionado a alguma outra coisa. No primeiro, temos o exemplo mencionado acima de um quadrado riscado sobre as margens da folha que, inclusive, Nietzsche utilizará como padrão tipográfico para as obras⁸³. Nesse esboço, cuja KSA referencia como 24[1], a formatação da página como um todo é desenhada nos moldes de uma capa. Escrito em tinta preta e centralizado, o título possui uma diferenciação no duplo sublinhado do sintagma em latim “Ecce homo” e uma sentença inteira riscada “~~Ein Psychologen=Problem.~~” na continuidade de um título completo que seria: “Ecce homo. / Ou: /// ~~Um Psicólogo=Problema.~~ / porque sei algo a mais./// Por /// Friedrich Nietzsche.”. O que é interessante aqui, e que remete ainda ao outro esboço com o sintagma em latim, é o uso da disjunção “ou”, precisamente no sentido que aparece no esboço posterior como “Ecce homo. / Oder: / wie man wird, was man ist.” e que, como mencionei anteriormente, surge em carta de Nietzsche a Köselitz apresentando o escrito. Por fim, existe ainda outro esboço de título desse mesmo contexto que, no entanto, não utiliza o sintagma em latim “Ecce homo”, mas apresenta aquilo que Sommer caracteriza como “soando de modo semelhante à autobiografia convencional no âmbito do ‘estilo romano’”: sem correções, o esboço de título é escrito em tinta marrom e possui o mesmo quadrado riscado de determinação das margens já mencionado, aparecendo sob a forma de “Multum in parvo. /// Minha filosofia / no excerto /// Por / Friederich Nietzsche”.

Como é possível perceber, as anotações apontam para o fato de que “Nietzsche buscou um título alusivo e enigmatizado” em seu escrito para “produzir uma certa tensão no público ou no leitor”⁸⁴ e, de acordo com Martínez, a escolha final por “*Ecce homo. Wie man wird, was man ist*” ainda “parece indicar uma reflexividade” que seria *apropriada* a “sua poetologia do eu”, bem como “em vista da Transvaloração”⁸⁵. Consequentemente, “a escolha do título” na forma do sintagma ainda revela a evidente

⁸⁰ NIETZSCHE, F. *Ecce homo: como alguém se torna o que é*, p. 18; “die alten mögen lernen, was es mit thönernen Beinen auf sich hat.” KSA 6, 9-10, p. 258

⁸¹ KGW IX, W II 9, p. 85.

⁸² “Im Verkehr mit den Alten./ Anhang / Ecce homo.” KSA 13, 24[3], p. 234.

⁸³ Muito bem explorado por Thomas Rahn em RAHN, T. *Delle nuove tavole. Sull'arte tipografica come mezzo interpretativo in Nietzsche*. In: LOSSI, A.; ZITTEL, C. *Nietzsche scrittore. Saggi di estetica, narratologia, etica*, pp. 47-51.

⁸⁴ MARTÍNEZ, R. S. *Aufzeichnungen eines Vielfachen Zu Friedrich Nietzsches Poetologie des Selbst*, p. 343.

⁸⁵ *Ibidem*, p. 259.

“conexão” que Nietzsche “estabelece com a condição cristã do homem”, ligada efetivamente ao “contexto” da “questão do sofrimento”, seus “representantes e a salvação”⁸⁶. Ademais, nesse tipo de “referência sério-comicamente blasfema às palavras de Pilatos”, Nietzsche, já no título, parece performar ativamente a dimensão da “ironia” em sua complexa reificação de sentido para o jogo com as identidades e vozes⁸⁷. No mesmo sentido, Benne salienta que “Pilatos [...] serve a Nietzsche como contraparte cético-retórica” e, o título *Ecce homo* é, de acordo com Martínez, para “ser lido como uma cena de instrução no drama” que “indica que as mudanças na constelação comunicativa que atuarão na sequência [estão] extremamente condensadas nas plurais funções-do-narrador”⁸⁸. É nesse âmbito que tal hipotipose ocorre, a meu ver, em Nietzsche: na medida em que “o autor implícito se engaja pessoalmente ou identifica-se com caracteres históricos ou ficcionais da Antiguidade ao seu tempo”⁸⁹ e, é precisamente por isso que o sintagma do título “*Ecce homo*”, como uma inicial hipotipose nos moldes da segunda sofística, já permite “colocar em funcionamento”⁹⁰ um “efeito sofístico” de descompartimentação dos gêneros literários que, acima de tudo, “provoca arrepios” na filosofia e na história⁹¹, uma vez que seus pontos de estabilização, enquanto gêneros “platônico-aristotélicos”, são complexificados e insistentemente misturados em “ciências humanas e ficção”, algo que, como salienta Cassin, “nós, os modernos, não cessamos de querer manter separados”⁹².

Para além da hipotipose que conjuga uma explícita tipificação, personificação no uso de máscaras, de figuras e da paródia, o outro conjunto de sintagmas que forma a sentença da segunda parte do título, *Wie man wird, was man ist* – também considerado como “subtítulo” e vindo à tona apenas “postumamente em 1908”⁹³ –, embora seja considerado um “erro de tradução”⁹⁴, pode ser interpretado como uma espécie de *emendatio* doxográfica na medida em que, como instrumentalização textual de transformação da sentença de Píndaro⁹⁵, é instaurada: um dos elementos importantes da frase original é retirado, com a possibilidade de subversão do sentido e modificação da afirmação em grego, do qual, conforme salienta Viesenteiner, “Nietzsche marca um distanciamento em relação à tradição metafísica” na interpretação da indeterminabilidade conceitual acerca daquilo que se é⁹⁶. Isso é realizado nessa espécie

⁸⁶ HÖDL, H. G. *Der letzte Jünger des Philosophen Dionysos. Studien zur systematischen Bedeutung von Nietzsches Selbstthematizierungen im Kontext seiner Religionskritik*, p. 525.

⁸⁷ MORE, N. D. *Nietzsche's Last Laugh. Ecce Homo as Satire*, p. 49.

⁸⁸ MARTÍNEZ, R. S. *Aufzeichnungen eines Vielfachen Zu Friedrich Nietzsches Poetologie des Selbst*, p. 260.

⁸⁹ BENNE, C. *The Philosophy of Prosopopoeia*, p. 276.

⁹⁰ CASSIN, B. *O efeito sofístico*, p. 197.

⁹¹ CASSIN, B. *Aristóteles e o lógos. Contos de fenomenologia comum*, p. 13.

⁹² CASSIN, *O efeito sofístico*, p. 197.

⁹³ RIES, W. “EH: *Ecce homo*”, In: NIEMEYER, C. *Léxico de Nietzsche*, p. 169.

⁹⁴ HÖDL, H. G. *Der letzte Jünger des Philosophen Dionysos. Studien zur systematischen Bedeutung von Nietzsches Selbstthematizierungen im Kontext seiner Religionskritik*, p. 525.

⁹⁵ “γῆνοι’ οἶος ἐ σοι μαθὼν” PINDAR. “The Odes of Pindar” In: CRANE, G. *Perseus Digital Library*, Pind. pp. 2, 72.

⁹⁶ “III. O ‘destino’ de ‘tornar-se o que se é’” (VIESENTEINER, J. L. *Nietzsche e a vivência de tornar-se o que se é*, pp. 287-301.

de *emendatio* doxográfica, que consiste na supressão do particípio passado grego μαθών, que significa “aprender”, e cuja omissão *emendada* por Nietzsche modifica por completo o sentido da sentença original justamente porque retira qualquer “intencionalidade” do processo de *tornar-se*⁹⁷ e confere uma “livre-flutuação” ao “*ser do Selbst*” cujas “novas nuances”⁹⁸ de interpretação essa *emendatio* sofista desbloqueia⁹⁹. Uma evidência interessante nesse sentido é o fato de que exatamente esse sintagma grego γένοι’ οἷος ἔσοι que Nietzsche *emenda* do poema de Píndaro, suprimindo o verbo μαθών e, posteriormente, traduz para dar forma em alemão ao *speculum-titulus* de sua obra *Wie man wird, was man ist*¹⁰⁰, consiste no exato sintagma usado na “inscrição” do escrito filológico sobre Diógenes Laércio¹⁰¹. Na mesma medida, a partícula *man* dessa segunda parte do título, ou subtítulo, pode ser também interpretada como um jogo de *pessoalidade-impessoalidade* na voz narrativa, cujo contraste preciso com uma “apoteose do eu”¹⁰² contida em toda a obra ressoa como um “sintoma de ficcionalidade”¹⁰³ e reflete uma complexa “autorreflexão” sobre o *Selbst* no texto, expresso como um “múltiplo ‘e’ unitário”¹⁰⁴.

À primeira vista, as figuras que aparecem em *Ecce homo* surgem numa amplitude monumental, o que faria o leitor não treinado produzir um juízo equivocado (confirmando o uso do “estilo como meio de seleção do leitor”): do título da obra ao preâmbulo – que pode ainda ser lido como uma espécie de “ekphrasis” – temos a construção da atmosfera de um eu enigmático que diz “quem é”, “um discípulo do filósofo Dionísio”, a figura de coragem *Nitimus in vetitum* e, finalmente, seu livro “Zaratustra”. Primeiramente, a construção da atmosfera de um “eu” narrativo que, como “eu”, é pensado como uma espécie de “construto do pensamento” via “efeito gramatical”, “uma ficção regulativa”. Além de ser aludido *oracularmente* no fim do

⁹⁷ Existem três ocorrências do sintagma em grego “γένοι’ οἷος ἔσοι”, em três cartas redigidas entre 1867 e 1868, nas quais a omissão ao verbo “μαθών” ocorre: Carta 552 a Erwin Rohde em 3 de novembro de 1867; Carta 554 a Carl von Gersdorff em 24 de novembro e 1 de dezembro de 1867; e carta 559 a Erwin Rohde em 3 de fevereiro de 1868. Como mencionado por Viesenteiner sobre o termo nas obras de Nietzsche: “Curiosamente, a palavra pertencente à expressão de Píndaro [“μαθών”] nunca é registrada por Nietzsche” (VIESENTEINER, J. L. *Sobre autoencenação e autogenealogia no Crepúsculo dos ídolos de Nietzsche*, p. 288).

⁹⁸ Salientando que “*Selbst* funciona na filosofia de Nietzsche como uma mais ampla expressão para a totalidade do homem como individuo físico” (CHRISTIANS, I. “*Selbst*” In: OTTMANN, H. *Nietzsche-Handbuch*, p. 322).

⁹⁹ Se lembrarmos com Benne que, no âmbito textual (e não apenas): “pequenas mudanças produzem grandes efeitos” é aí que a sofisticada remuneração das falhas da língua acontece: BENNE, C. *Nietzsche und die historisch-kritische Philologie*, p. 96.

¹⁰⁰ Por exemplo, em alusão ao uso da temática do “espelho” por Nietzsche, inclusive nas transformações dos esboços dos títulos: “Spiegel” Cf. HÖDL, H. G. *Der letzte Jünger des Philosophen Dionysos. Studien zur systematischen Bedeutung von Nietzsches Selbstthematizierungen im Kontext seiner Religionskritik*, p. 509.

¹⁰¹ Cujas cartas 552, 554, 559 fazem menção, por exemplo: “Philosophorum denique Ordini unus traditus libellus est et ex classe quidem prima: ‚De fontibus Laertii Diogenis hac inscriptione’ γένοι’ οἷος ἔσοι, Pind. Pyth. II, v. 73”.

¹⁰² LANGER, D. *Wie man wird, was man schreibt. Sprache, Subjekt und Autobiographie bei Nietzsche und Barthes*, p. 100.

¹⁰³ SCHAEFFER, J. “Fictional vs. Factual Narration” In: HÜHN P. et al. *Narratologia / Contributions to Narrative Theory*, p. 107.

¹⁰⁴ MARTÍNEZ, R. S. »Aufzeichnungen eines Vielfachen« *Zu Friedrich Nietzsches Poetologie des Selbst*, p. 343.

primeiro período do prólogo pela *emendatio* bíblica do *enigma* de “dizer quem é”¹⁰⁵, é ainda produzido tanto em função do anseio de apresentar a “Transvaloração”¹⁰⁶, quanto, conseqüentemente, em função de uma importante necessidade de direcionar a atenção do leitor para o próprio discurso: “O u ç a m-m e ! P o i s e u s o u t a l e t a l . S o b r e t u d o n ã o m e c o n f u n d a m !”¹⁰⁷. Essa passagem do final do prólogo §1 é, inclusive, um dos elementos que faz com que Langer conceba “*Ecce homo* como uma prescrição à Transvaloração”, na medida em que a obra “permanece em um determinado efeito de intenção”¹⁰⁸ do suposto autor *não ser confundido*, cujo “Motiv” pode ser encontrado no rastreamento extratextual da correspondência de Nietzsche¹⁰⁹. Embora tal recurso interpretativo de exame da correspondência do autor seja interessante, a meu ver, o apelo exclusivo a elementos extratextuais como esse demonstram uma perspectiva genética. Essa perspectiva reduz a complexidade textual desses aspectos do prólogo, justamente no *locus* de uma materialidade textual e é importante que a riqueza da performance da construção da complexa *Persönlichkeit* seja preservada na elaboração de uma *monumentalidade* literária¹¹⁰.

¹⁰⁵ Cujo pronome indefinido do original “das” é substituído pelo pronome pessoal “ich”: NIETZSCHE, F. *Ecce homo: como alguém se torna o que é*, p. 17. Conforme indica Sommer trata-se da conexão com AC 40 (do qual Nietzsche cita entre aspas “quem foi esse? O que foi isso?” NIETZSCHE, F. *A gaia ciência*, p. 46; “„w e r w a r d a s ? w a s w a r d a s ?”” KSA 6, 10-11, p. 213) que se refere ao fato de que os discípulos do incompreendido *jesus confessam em sua morte o “verdadeiro enigma”: quem foi esse?* Por isso, Sommer caracteriza “o eu que abandona o mundo sob o nome do enigma Nietzsche move-se próximo ao tipo do redentor” (SOMMER, A. U. *Nietzsche-Kommentar. Kommentar zu Nietzsches Der Antichrist. Ecce homo. Dionysos-Dithyramben. Nietzsche contra Wagner*, p. 355).

¹⁰⁶ Que Nietzsche, de acordo com Sommer, “considera realizar ao fim de Novembro de 1888”: SOMMER, 2013, p. 355.

¹⁰⁷ Aplico aqui o procedimento tipográfico usado na época de Nietzsche do *uso do espaço entre as letras*, chamado “Sperrsatz”. BACHMANN, M. *Wörterbücher zur Sprach- und Kommunikationswissenschaft (VSK) Online*, e BEINERT, W. *Das Lexikon der Typografie*, Online. Nietzsche imprime Cl a partir dessa tipografia que serve de parâmetro para a possível impressão de *Ecce Homo*. A *diagramação tipográfica* da KSA para destaque é exatamente dessa forma o que faz com que, modernamente, utilize-se o itálico como padrão de destaque tipográfico para as traduções modernas da KSA: NIETZSCHE, F. *Ecce homo: como alguém se torna o que é*, p. 17; “H ö r t m i c h ! d e n n i c h b i n d e r u n d e r . V e r w e c h s e l t m i c h v o r A l l e m n i c h t !” (KSA 6, 16-19, p. 257). Isso permite-nos reconhecer a *consciência visual* de Nietzsche para produzir efeitos no leitor a partir das condições materiais do modo de impressão da época e reflete um dos elementos daquilo que Rahn salienta como “*decorum* tipográfico” (RAHN, T. *Delle nuove tavole. Sull'arte tipografica come mezzo interpretativo in Nietzsche*. In: LOSSI, A.; ZITTEL, C. *Nietzsche scrittore. Saggi di estetica, narratologia, etica*, p. 99). Vale notar o aspecto importante dessa extemporânea *consciência estética tipográfica* de Nietzsche: “O espaço (também *Spatium*, espaço, inglês *space* ou *black*, francês *blanc*) é, em primeiro lugar, um nada, algo vazio entre letras, palavras, linhas, parágrafos, capítulos, títulos; ele pertence assim ao *escrito* como um signo *discreto* porque ele é então percebido pelo leitor apenas quando ele perturba (sendo grande ou pequeno) ou [está] ausente”: FRIES, T. “Die Leerstelle. Der Zwischenraum” In: ABBT, C; KAMMASCH, T. *Punkt, Punkt, Komma, Strich? Geste, Gestalt und Bedeutung philosophischer Zeichensetzung*, p. 165.

¹⁰⁸ LANGER, D. *Wie man wird, was man schreibt. Sprache, Subjekt und Autobiographie bei Nietzsche und Barthes*, p. 101.

¹⁰⁹ *Ibidem*

¹¹⁰ “Personalidade” que poderia ser resumida, nos seguintes termos de Lopes: “A personalidade de um autor (não a identidade pessoal, mas o tipo a que ele pode ser filiado) é o que há de mais significativo numa obra. Para que possamos ter acesso a ela, é inútil vasculhar indefinidamente o conjunto das teses e ensinamentos que a tradição atribui ao autor, pois em geral a sua personalidade não é algo que se encontre diretamente tematizada. Ela é antes exemplificada por meios indiretos e, em geral, involuntários. O estilo é um desses meios indiretos (talvez o principal) a partir dos quais é possível discernir ou configurar a hierarquia de impulsos, o conjunto de apreciações que caracterizam a personalidade em questão” (LOPES, R. A. *Elementos de retórica em Nietzsche*, p. 150).

Portanto, na complementariedade da trama textual, um dos recursos interessantes que recobre a composição dessa atmosfera são as aspas de uma paráfrase do segundo período do prólogo em que as palavras do Atos 14, 17 do Novo Testamento são referidas, a meu ver, como alusão à hipotipose fundamental do título no sintagma “Ecce homo”, isto é, a urgência de apresentação na ordem de um “autotestemunho” nessa atmosfera do prólogo, finalizada pela exigência de audição para não produzir confusão, ressoa exatamente a urgência de apresentação sob a qual as palavras de Pilatos reiteram na hipotipose do título: “eis o homem”. Simultaneamente, após a característica ressalva da “desproporção entre a grandeza” da tarefa desse suposto eu-autor-narrador e a “p e q u e n e z” de seus leitores contemporâneos – que More salienta ser “a técnica satírica” da “redução”¹¹¹ –, o texto já indica, inicialmente, sua distinção como modalidade sofisticada. Isso ocorre no período seguinte desse mesmo prólogo, ao iniciar com a suposição de o eu-narrador saber, ter consciência e ter observado há muito tempo em sua previsão da necessidade de dizer quem é¹¹². Especialmente, nesse caso, sua distinção como modalidade sofisticada se dá na atmosfera de uma demiúrgia “oracular”¹¹³ que soa, em alguma medida, também como absurdidade bufa¹¹⁴. Além disso, nos dois períodos seguintes, o curso do discurso é retardado em “reticências”; primeiro, como “pausa de entonação” de uma “questão retórica”¹¹⁵ e; segundo, como interrupção final de uma possível *assonância* sintagmática anterior, cujo acréscimo da palavra “não” em espaçamento tipográfico chama a atenção do olho¹¹⁶ para a duplicidade que permeia essa atmosfera de construção de um eu-narrativo de quem, embora tendo morrido, ainda vive: temática ainda recorrente em outras passagens da obra. Ademais, esse jogo com a morte que More caracteriza como um elemento da sátira que “marca *Ecce homo* como um livro limite no sentido de Bakhtin” é, conforme já mencionado, nada menos do que parte da amplitude oracular da sofisticada cuja posição literário-discursiva permite “levar adiante uma conversação com a morte”¹¹⁷, nessa construção de uma atmosfera de um “autor” póstumo no bom estilo machadiano¹¹⁸.

¹¹¹ MORE, N. D. *Nietzsche's Last Laugh. Ecce Homo as Satire*, p. 49.

¹¹² “Prevendo que dentro em pouco devo dirigir-me [...] parece-me indispensável dizer quem sou” (NIETZSCHE, F. *Ecce homo: como alguém se torna o que é*, p. 23).

¹¹³ CASSIN, B. *O efeito sofisticado*, p. 193 e, conforme indicado acima, a referência à fala de Deus a Moisés, no Exodos 3, 14, em que diz “Eu sou, o que sou” “Gott sprach zu Mose: Ich werde sein, der ich sein werde” Cf. SOMMER, A. U. *Nietzsche-Kommentar. Kommentar zu Nietzsches Der Antichrist. Ecce homo. Dionysos-Dithyramben. Nietzsche contra Wagner*, p. 356.

¹¹⁴ “A more exaggerated role is impossible to assume; its *buffo* absurdity cues the reader to understand *Ecce Homo* at both a literal and comic level” (MORE, N. D. *Nietzsche's Last Laugh. Ecce Homo as Satire*, p. 50).

¹¹⁵ Trata-se da “função” das reticências que é “consenso” entre os intérpretes: “als Intonationspause bei rhetorischen Fragen zu fungieren” (PICHLER, A. *Philosophie als Text – Zur Darstellungsform der Götzendämmerung*, p. 111).

¹¹⁶ “daß ich lebe?...” e “dass ich n i c h t lebe...” Respectivamente, KSA 6, 11, p. 257; KSA 6, 13-14, p. 257. Isso se reconhecemos com Fries que no contexto do “espaço” tipográfico, “o vazio” tem “um caráter estético” e que isso auxilia nossa “percepção e o reconhecimento do texto” (FRIES, T. “Die Leerstelle. Der Zwischenraum” In: ABBT, C; KAMMASCH, T. *Punkt, Punkt, Komma, Strich? Geste, Gestalt und Bedeutung philosophischer Zeichensetzung*, pp. 165-6).

¹¹⁷ MORE, N. D. *Nietzsche's Last Laugh. Ecce Homo as Satire*, p. 49.

¹¹⁸ *Ibidem*, p. 50.

O segundo elemento, no prólogo §2, que pode ser visto à luz de uma hipotipose é a imagem, na forma de uma autodescrição, de “um discípulo do filósofo Dionísio”¹¹⁹, cuja designação além de reforçar o caráter fársico-anedótico em oposição às referências bíblicas de “santo”¹²⁰ é, ainda, “instalada como a condição de sua oposição à autoestilização no sentido da interpretação cristã do mundo”, num contexto de introdução¹²¹.

O terceiro elemento, a figura de coragem *Nititur in vetitum*, aparece no último período do segmento de texto do prólogo §3 e finaliza uma indicação, a partir do isomorfismo dos dois pontos, que conclui a qualidade específica dessa filosofia do eu-narrador: a coragem. Ademais, essa ambientação que Nietzsche realiza tematicamente de impelir a uma filosofia cuja coragem seja o ponto forte, ao mesmo tempo em que “castiga a covardia dos outros”, parece ser ainda uma “arma literária” e “satírica”¹²². O subsequente elemento de performance daquela atmosfera é elaborado no prólogo §4 que finaliza o conjunto da introdução. Aqui, o eu-narrador – como já antecipado no início do prólogo anterior, sobre o “ar” de seus “escritos” – deixa de lado suas autodescrições, para especificar seus feitos na forma de “seus escritos” – aqui, especificamente, a obra *Assim falou Zaratustra*. Além de “relacionado tematicamente com seções de *Porque sou um Destino*” e com a seção “24 da versão-de-outubro”¹²³, esse é o primeiro momento da obra em que Nietzsche “injeta outro texto dentro de *Ecce homo*”, cujo jogo intra-intertextual, acima de tudo, demarca o aspecto paródico de “discurso segundo”¹²⁴, que More caracteriza como sendo uma “sarcástica alusão às palavras de Jesus a seus discípulos”¹²⁵. Na forma dos versos, como na edição de *Zaratustra*¹²⁶, com a exceção do “profeta” entre aspas do quarto período do prólogo, que se refere ao “tipo do redentor”, isto é, “Jesus Cristo”¹²⁷, a imagem dos figos em versos indica uma alusão a Marcos 11, 12-14, bem como, na prerrogativa de seguir só, uma alusão a João 13, 36 e 16, 32, “onde Jesus anuncia que será abandonado por seus discípulos”¹²⁸ e, ainda, a sentença final sob a qual *Zaratustra* exorta que todos o reneguem para que ele possa retornar: o que não acontece com Jesus, que é “explicitamente negado apenas por Pedro” em Mateus 26, 34¹²⁹.

¹¹⁹ NIETZSCHE, F. *Ecce homo: como alguém se torna o que é*, p. 17.

¹²⁰ MORE, N. D., *Op. Cit*, p. 52.

¹²¹ HÖDL, H. G. *Der letzte Jünger des Philosophen Dionysos. Studien zur systematischen Bedeutung von Nietzsches Selbstthematisierungen im Kontext seiner Religionskritik*, p. 534.

¹²² MORE, N. D. *Nietzsche's Last Laugh. Ecce Homo as Satire*, p. 55.

¹²³ Especificamente, *EH-Destino* 3, 6-8: SOMMER, A. U. *Nietzsche-Kommentar. Kommentar zu Nietzsches Der Antichrist. Ecce homo. Dionysos-Dithyramben. Nietzsche contra Wagner*, p. 359.

¹²⁴ CASSIN, B. *Se Parmênides. O tratado anônimo De Melisso Xenophane Gorgia*, p. 101, bem como CASSIN, B. *O efeito sofisticado*, p. 17 e p. 263.

¹²⁵ MORE, N. D. *Nietzsche's Last Laugh. Ecce Homo as Satire*, p. 56.

¹²⁶ Com apenas algumas “variações de pontuação”, como indica Sommer: SOMMER, A. U. *Nietzsche-Kommentar. Kommentar zu Nietzsches Der Antichrist. Ecce homo. Dionysos-Dithyramben. Nietzsche contra Wagner*, pp. 359-361.

¹²⁷ *Ibidem*, p. 360.

¹²⁸ “wo Jesus ankündigt, dass er von seinen Jüngern verlassen werden werde” (*Ibidem*, p. 361).

¹²⁹ *Ibidem*, p. 361

Não apenas nessas indicações que se seguem do título ao último prólogo, o gesto sofista pode ser identificado no uso dessas hipotiposes – aventadas pelos nomes próprios, sentenças e sintagmas que trazem à tona figuras, tipos e máscaras –, em *Ecce homo*, como uma performance textual *catastrófica* em que a identificação das figuras (“autor implícito” e “autor empírico”, por exemplo) é então radicalmente embaralhada¹³⁰, seja na tendência levada adiante de máscaras e “formas de disfarces”¹³¹, seja como jogo estético das máscaras cuja “introdução da pessoa dá vida a um exemplo proverbial”¹³², seja como no adorno a “máscaras contraditórias que escapam a seus leitores mais do que meramente desorienta-os”¹³³, seja como jogo estético com as máscaras do eu que tem início no homem louco de 125 de *A gaia ciência* e que culmina em *Ecce homo*¹³⁴. Esse complexo tipo de jogo pode ainda ser encontrado em conexão direta com o contraste entre a “apoteose do eu” e o uso do pronome “nós”, junto ao aparecimento das hipotiposes encontradas ao longo dos segmentos de obra sintetizados, por exemplo, na forma de *décadent* e do “seu contrário”, “o oposto de um *décadent*”; “Antiasno *par excellence*” e “monstro universal”; “primeiro psicólogo do eterno-feminino” e “medicínico”; “primeiro filósofo trágico”; “Dinamite” e “Destino”, apenas para mencionar alguns.

Nesse sentido, a construção desses elementos *literarizantes* em *Ecce homo*, a meu ver, remete à radicalização da prática filológica de Nietzsche de descoberta/invenção¹³⁵ da *Persönlichkeit*, tal como aprende de seu mestre Ritschl, e encontra na “fusão de Lange e Valentin Rose”¹³⁶ a ferramenta de uma experimentação colocada em prática, no “estudo sobre Demócrito”, “Homero e a filologia clássica”¹³⁷, e no escrito não publicado “A filosofia na época trágica dos gregos”, em que a noção de anedota é fundamental a essa confabulação e já aparece como um produto da “*praxis* filológica” com os estudos de Diógenes Laércio¹³⁸, na medida em que, precisamente, o problema da confiabilidade dos relatos históricos coloca o intérprete inevitavelmente diante da compreensão segundo a qual “o veredito sobre o passado é sempre um veredito oracular”¹³⁹. No

¹³⁰ BENNE, C. *The Philosophy of Prosopopoeia*, pp. 276-7.

¹³¹ “Com *Ecce Homo*, essa tendência [de necessidade de todas as formas de disfarces] é levada adiante: um eu é acrescentado poeticamente à obra...” (WELLNER, K. “Máscara, ator” In: NIEMEYER, C. *Léxico de Nietzsche*, p. 364).

¹³² BENNE, C. “La ricerca poetica di Nietzsche: un’etica dell’amicizia” In: LOSSI, A.; ZITTEL, C. *Nietzsche scrittore. Saggi di estetica, narratologia, etica*, p. 31.

¹³³ WRIGHT, J. L. *The Philosopher's "I". Autobiography and the Search for the Self*, p. 08.

¹³⁴ BENNE, C. Op. Cit., p. 31.

¹³⁵ O conhecido jogo de palavras que Nietzsche performa entre os verbos “achar” (*finden*) e “inventar” (*erfinden*) e nos substantivos “invenção” (*Erfinden*) e “descoberta” (*Finden*) na prática textual de acentuar como, *se fabrica o fato na investigação*. Respectivamente: NIETZSCHE, F. *Além do bem e do mal*, Dos preconceitos dos filósofos §§11 e 12; Ver, p. 17 e nota 32, p. 201; bem como p. 19 e nota 40, p. 203.

¹³⁶ Como salienta Porter ser uma das consequências desta *fusão* a captura de “uma nova e compreensível imagem da excepcional personalidade de Demócrito” (PORTER, J. I. *Nietzsche and the philology of the future*, p. 59).

¹³⁷ Porter dedica um subtópico específico com sete páginas em sua discussão sobre “a filologia cética” para analisar a “implícita extensão e problematização da visão de Lange da *Persönlichkeit* que dá ao ensaio [de Nietzsche] seu conteúdo ‘estético e filosófico’” (Ibidem, p. 62).

¹³⁸ ORSUCCI, A. “Antike, römische” In: OTMANN, H. *Nietzsche-Handbuch: Leben, Werk, Wirkung*, p. 379.

¹³⁹ Trecho da *II Extemporânea* citado e traduzido por Lopes: LOPES, R. A. *Elementos de retórica em Nietzsche*, p. 137.

entanto, a produção dessa *Persönlichkeit*, bem como sua captura, não se dá como uma *unidade estática*, mas “é expresso” como um “múltiplo ‘e’ unitário”¹⁴⁰, seja na elaboração da performance do “sujeito escrevente-pensante”¹⁴¹ e o complexo jogo das máscaras, seja na captura interpretativa que o processo resulta: é aqui que surge a ideia de “doxografia sofisticada” como meio de dar conta, interpretativamente, dessa multiplicidade dos fatos como ficção produzida no texto.

Em complementariedade à noção de hipotipose, é a noção de paródia que permite lançar ainda mais luz sobre o funcionamento dessa discursividade de *Ecce homo*. Enquanto “traços paródicos”. que podem ser “nele próprio determinados”, Nietzsche como filólogo de formação reconhece o preciso significado etimológico da paródia, na medida em que é autocompreendida a partir do “canto de acompanhamento (*Nebengesang*), respectivamente da imitação feita de modo zombeteiro”¹⁴². Em adesão a esse entendimento, Benne salienta o significado de paródia concebida no sentido antigo, enquanto “criada para descrever” tanto “a separação entre a palavra e a música” quanto “a possibilidade de combiná-los num novo e não esperado jeito” que, no contexto da retórica de Quintiliano, recebe a designação, por exemplo, de *prosopopoeia* (“em Latim, *fictio personae*”)¹⁴³. Esse tipo de recurso parece ser então utilizado por Nietzsche como “personificação” via modulação das diferentes vozes no texto¹⁴⁴. Nesse sentido, talvez como expressão dos “diferentes modos de fala” em que se pode encontrar “aqui e ali até pronunciados divertidos”¹⁴⁵, é que essa concepção da “paródia antiga” de Benne permite pensar, em complementariedade à hipotipose em todas as suas formas em *Ecce homo*, o âmbito da ênfase à oralidade no escrito de Nietzsche, cujo componente central é o “ouvido” como “Motiv”. Por sua vez, é exatamente pela possibilidade desse jogo instaurado nas vozes pela paródia que a noção salientada por Benne pode ser compreendida como um núcleo de uma performance, que conjuga, ao mesmo tempo, uma criativa apropriação dos significados de uma fonte, por um lado, bem como a modulação e subversão desses sentidos via performance textual de irritação grafemática, por outro, e cujo processo de “musicalização ou ritmização” é performado em sua amplitude. Nisso, o exemplo de uma espécie de *incorporação sterniana* em *Ecce homo* poderia auxiliar a vislumbrar tal gesto paródico para além da imediata associação às fontes parodiadas do texto bíblico.

O primeiro ponto que gostaria de destacar acerca da paródia é a questão temática dos títulos das seções (cuja “performance dos signos” atua simultaneamente em seu desdobramento). Isto é, joga-se precisamente com a modulação das vozes, cujo sujeito das sentenças dos títulos é performado sob o jugo daquela “apoteose do eu”, em contraste com a terceira pessoa do plural: “nós”. Ela também é encontrada ao longo da textualidade das seções e da indiferença da indeterminação do pronome *man* do título

¹⁴⁰ MARTÍNEZ, R. S. *Aufzeichnungen eines Vielfachen Zu Friedrich Nietzsches Poetologie des Selbst*, p. 343.

¹⁴¹ *Ibidem*.

¹⁴² BENNE, C. “Paródia” In: NIEMEYER, C. *Léxico de Nietzsche*, p. 435.

¹⁴³ BENNE, C. *The Philosophy of Prosopopoeia*, pp. 275-286.

¹⁴⁴ *Ibidem*, pp. 275-286.

¹⁴⁵ SOMMER, A. U. *Nietzsche und die Folgen*, p. 86.

espelho da hipotipose inicial, a paródia é performada sob aquela mencionada dupla dimensão.

Que os títulos das seções (com exceção da última seção “Por que sou um Destino”) são inegavelmente sedutores para assumi-los, como faz Tobias Dahlkvist, na conjuntura da obra *Ecce homo*, como parte do debate sutil de Nietzsche com a “tradição da melancolia”, isso parece evidentemente plausível¹⁴⁶. Conforme destaca Dahlkvist, enquanto no “título *Porque sou tão sábio*, Nietzsche geralmente fala sobre quão doente ele foi”, no “título *Porque sou tão inteligente* ele escreve muito sobre seu estômago” e, no “título *Porque escrevo tão bons livros*, seu interesse central parece ser insultar os alemães”, os três temas estariam conectados, precisamente, como tematização específica no interior da “tradição da melancolia”¹⁴⁷. Para além do argumento de Dahlkvist, a questão não é a de, especificamente aqui, justificar a validade das fontes dessa tradição que Nietzsche poderia estar mobilizando, como por exemplo, o texto “Anatomia da melancolia” de Robert Burton, que Dahlkvist já destacara ser “difícil pontuar”¹⁴⁸, mesmo ainda sabendo que tal “excêntrico livro” era constituído como “um dos livros de cabeceira de Sterne”¹⁴⁹. Se Nietzsche está ou não articulando tais fontes específicas não é o escopo deste trabalho averiguar: o que interessa aqui é questionar em que medida não apenas os temas, mas os elementos textuais que orbitam os respectivos títulos das seções e os segmentos de obra atuam enquanto paródia naquela dupla acepção (por um lado, uma criativa apropriação dos significados de uma fonte, por outro lado, a modulação e subversão desses sentidos via performance textual de irritação grafemática), em que textualmente se realiza uma “performance dos signos”¹⁵⁰ na qual, com o auxílio de elementos temáticos e gráficos, a “imitação [é] feita de modo zombeteiro”¹⁵¹.

Assim, o uso dos travessões e das reticências na textura dos segmentos de *Ecce homo* é extremamente intenso em diversas funções, localizações e quantidades. Apenas para situar um deles, há, por exemplo, como no prólogo §3 já mencionado, um travessão que inicia o segmento de texto, bem como, um em seu final após o ponto. Nesse caso, numa concatenação gráfica irritante que, no interior do segmento de texto ainda aprisiona “a crença no ideal” entre travessões e parênteses no endereçamento do “erro” de uma filosofia que se acovarda. O uso do travessão aqui explora diversas possibilidades de sentido que podem ser interpretadas tanto com Windgätter, num sentido mais sofisticado de prática epidítica de mostração ao leitor da importância de voltar sua atenção ao próprio texto, bem como lido com van Tongeren, no reconhecimento da “função rítmica de ‘uma pausa brusca’” em que os travessões “novamente exprimem a intenção de sustentar algo por mais tempo”, de modo semelhante a “como se fosse uma nota em uma composição musical” ou, ainda, como mero procedimento de

¹⁴⁶ DAHLKVIST, T. “Why Was Nietzsche so Wise and so Clever? Ecce homo and the Melancholy Tradition” In: RESCHKE, R. *Nietzscheforschung*, p. 209.

¹⁴⁷ Ibidem.

¹⁴⁸ “It is difficult to pinpoint his sources, though” (Ibidem, p. 216).

¹⁴⁹ PAES, J. P. “Sterne ou o horror à linha reta” In: STERNE, L. *A vida e as opiniões do cavalheiro Tristram Shandy*, p. 33.

¹⁵⁰ PICHLER, A. *Philosophie als Text – Zur Darstellungsform der Götzendämmerung*, p. 59.

¹⁵¹ BENNE, C. “Paródia” In: NIEMEYER, C. *Léxico de Nietzsche*, p. 435.

estabelecimento de “uma ruptura no texto”¹⁵². Para além do exemplo acima e tais sugestões interpretativas, a multiplicidade dos usos do travessão na obra confere, em certa medida, o esquema paródico que liga a possibilidade de localizar tal *praxis* no horizonte de um *Motiv* sterniano, que conjuga precisamente o interesse de autodescrição da “vida e opiniões” de um modo erudito-fantástico, tal que os elementos tipográficos, além de produzirem um efeito humorístico e “desmistificar a ilusão ficcional pela ênfase na própria materialidade do livro”, produzem ainda um “processo de retardamento da satisfação por via de ‘frustrações temporárias’” que envolve um “jogo com o tempo”¹⁵³. Esse preciso efeito de “descontinuidade” que as intervenções gráficas, especificamente, instauram nos segmentos de texto de *Ecce homo* permite eclodir não apenas esse “jogo com o tempo”, no sentido de uma “retórica do tempo” e prática sofisticada, mas ainda um efeito fundamental de ambiguidade do pensamento. É o que ocorre quando Nietzsche descreve, em *Opiniões e sentenças diversas*, §113, a característica de Sterne como “escritor” como sendo aquele que *celebra* a “melodia infinita”, cuja condição seja a de reconhecer nisso “um estilo de arte em que a forma determinada é continuamente quebrada, adiada, retraduzida de volta ao indeterminado, de modo a significar uma coisa e ao mesmo tempo outra. Sterne é o grande mestre da ambiguidade—”¹⁵⁴. Não à toa nesse trecho, como é possível notar, a sentença é finalizada com um travessão. Sendo assim, se aceitamos o argumento de Dahlkvist de que tematicamente o conteúdo discutido nas mencionadas seções é não apenas uma referência sutil à “tradição da melancolia” mas, ainda, sua completa paródia em termos de construção de uma monumentalidade de *Persönlichkeit* que, enquanto um “múltiplo ‘e’ unitário” é a oposição das formas e tipos decadentes da tradição, como a figura do “tipo do redentor”, a referência a Sterne auxilia ainda a compreender o nível de radicalização desse complexo jogo paródico em termos da performance da grafia dos signos.

A construção da *monumentalidade* como *performance* sofisticada

“Não é verdade, querido amigo, tanto barulho por uma omelete?”¹⁵⁵

Até o momento tentei indicar de que maneira aquilo que chamo de hipotipose sofisticada aparece em *Ecce homo*, numa complexidade que envolve a criação e a performance de tipos, figuras e elementos de um procedimento paródico para a elaboração de uma certa monumentalidade, como captura e descoberta/invenção da

¹⁵² TONGEREN, P. *A moral da crítica de Nietzsche à moral: estudo sobre “Para além de bem e mal”*, nota 43, p. 150.

¹⁵³ PAES, J. P. “Sterne ou o horror à linha reta” In: STERNE, L. *A vida e as opiniões do cavalheiro Tristram Shandy*, pp. 39-40; *Descontinuidade* temporal muito bem percebida por Nietzsche: “Assim ele produz, no leitor certo, uma sensação de incerteza quanto a se está andando, parado ou reclinado: uma sensação bastante afim àquela de flutuar” (NIETZSCHE, F. *Opiniões e sentenças diversas*, §113).

¹⁵⁴ Nessa mesma seção, Nietzsche parece descrever a si mesmo e o efeito de seus escritos.

¹⁵⁵ “Nicht wahr, lieber Freund, tant de bruit pour une omelette?” Expressão que Nietzsche ironiza na ocasião da indicação de premiação a seu escrito filológico sobre as fontes de Diogenes Laércio e cuja paráfrase em francês refere-se às “palavras atribuídas ao poeta Vallé des Barreaux (1602-1673), que Voltaire cita em uma carta a Thieriot de 24 de dezembro de 1758: NIETZSCHE, F. *Correspondencia I, Junho 1850 – Abril 1869*, nota 1093, p. 618.

Persönlichkeit. Desse modo, agora, eu gostaria de explicitar de que modo tal monumentalidade do gesto acontece de uma maneira propriamente doxográfica, ou seja, a partir da ideia de uma doxografia sofisticada de si. Isso ainda implica assumir a premissa de que o texto é concebido por Nietzsche não como fato, mas como um “artefato”¹⁵⁶, e assim, por exemplo, as descrições e autocomentários que o filósofo realiza em *Ecce homo* devem ser lidos à luz de uma “ficção significativa” no sentido mesmo “caricatural” de como as descrições dos filósofos aparecem em Diógenes Laércio, como “narrativas de um sonho” no preciso sentido de uma manipulação de sentidos e não de “fatos”. Por outro lado, por que alguém como Nietzsche – que “tem genuíno interesse em, e talento para, a historiografia”, trabalha as fontes com o auxílio de um ceticismo historiográfico, bem como, sugere a elaboração de anedotas para captar o pensamento de um filósofo – escreveria sobre si na ordem de uma autobiografia como gênero historiográfico¹⁵⁷? Como eu tento indicar, o jogo conspícuo que Nietzsche produz acerca de *Ecce homo* é um procedimento sofisticado no âmbito de uma problematização da própria possibilidade da *historiografia* enquanto tal. Se aceitarmos, com Benne, que pode haver uma “incorporação da filologia” no posterior modo de pensar de Nietzsche e que, sobretudo, o elemento da “comparação” como “procedimento preferido”¹⁵⁸, somado a certa “ponderação estética”¹⁵⁹, parece ser o que caracteriza o “estudo da stemmata”, acentuado na rubrica de Lachmann¹⁶⁰ mas que, no entanto, marca a adesão ao método de Ritschl¹⁶¹, então, em alguma medida, o exercício da genealogia como *praxis* de um tipo de “estudo da stemmata” pode ser concebida como imperceptivelmente atuante nessa performance de “reificação do sentidos” apresentados como supostamente “fatos” da vida dessa caricatura do filósofo Nietzsche, isto é, algo como “uma genealogia fantástica”¹⁶².

Em seu escrito não publicado *A filosofia na época trágica dos gregos* – que pode ser concebido à luz do critério da “doxografia” como “escrita de opiniões”¹⁶³ –, Nietzsche utiliza o verbo “erzählen” para descrever de que forma ele “contará a história” dos filósofos pré-platônicos. Esse é exatamente o verbo que o autor utiliza no “preâmbulo” de *Ecce homo* que, a meu ver, é uma das partes chave para compreender o gesto sofista no qual o eu-narrativo diz que então contará a si sua vida¹⁶⁴. Em todo o *Ecce homo*, o

¹⁵⁶ BENNE, C. *Nietzsche und die historisch-kritische Philologie*, p. 105.

¹⁵⁷ JENSEN, A. *Nietzsche's philosophy of history*, pp. 11-12.

¹⁵⁸ BENNE, Op. Cit., p. 97.

¹⁵⁹ Ibidem, pp. 98-9.

¹⁶⁰ MAINSFELD, J. “The Wilamowitz-Nietzsche Struggle: Another New Document and Some Further Comments” In: *Nietzsche-Studien*, p. 45.

¹⁶¹ “O método da árvore genealógica cuja origem também hoje está lidada a Karl Lachmann, deve-se em parte importante – Friedrich Ritschl” (BENNE, C.; SANTINI, C. “Nietzsche und die Philologie” In: HEIT, H.; HELLER, L. *Handbuch Nietzsche und die Wissenschaften*, p. 193).

¹⁶² Sendo a relação com a “tipologia” a efetivação desse processo: HÖDL, H. G. *Der letzte Jünger des Philosophen Dionysos. Studien zur systematischen Bedeutung von Nietzsches Selbstthematisierungen im Kontext seiner Religionskritik*, p. 562.

¹⁶³ BALADIER, C.; CASSIN, B. “Doxa” In: CASSIN, B. et al. *Dictionary of Untranslatables: A Philosophical Lexicon*, p. 230, bem como CASSIN, B. *O efeito sofisticado*, p. 114.

¹⁶⁴ “E então me conto minha vida” NIETZSCHE, F. *Ecce homo: como alguém se torna o que é*, Preâmbulo, p. 21; KSA 6, 11, p. 263.

verbo em suas possíveis variações é utilizado em quatro ocasiões, sendo duas conjugadas na forma de “eu conto/relato”, na primeira pessoa do singular, e duas no infinitivo como “contar”¹⁶⁵. Enquanto o uso do verbo é relativamente pouco expressivo nos escritos e obras publicadas, nas correspondências é utilizado massivamente, o que parece indicar um certo grau de informalidade em seu uso. Nesse sentido, basicamente, “erzählen” significa “reproduzir, oralmente ou escrito, um acontecimento ou algo fictício em detalhe de maneira divertida”¹⁶⁶, ou seja, algo de uma narrativa clara que corresponde ao universo da oralidade¹⁶⁷ cujo significado obsoleto no alto-alemão aparece várias vezes na Bíblia, em passagens como “contar as obras de deus”¹⁶⁸. Insisto nesse ponto: usado no preâmbulo e ocorrendo ainda para expressar algo da boca de Zaratustra, esse “contar” restitui precisamente o sentido de doxografia como “primeiros lábios” e a sua relação com os dizeres, com a oralidade¹⁶⁹.

Em complementariedade, no mesmo escrito não publicado de Nietzsche encontramos o elemento chave da descoberta/invenção pela personalidade dos filósofos a serem descritos a partir da busca da imagem do “grande homem”, como esboçado na primeira introdução¹⁷⁰, e ainda, por meio da captura e elaboração de “três anedotas” em que seja “possível dar a imagem de um homem”¹⁷¹. A elaboração desse construto discursivo do “momento pessoal, bem como psicológico, da antiga filosofia grega”¹⁷² – que, naquele escrito incompleto que poderia ser assinalado como uma doxografia subversiva, Nietzsche performa a captura da personalidade dos gregos antigos – ocorre da mesma maneira que em *Ecce homo*, quando ele joga com as hipotiposes aderidas a um *Selbst* em complexa multiplicidade narrativo-literária. Especialmente o manejo do conhecimento dos gregos, do cristianismo e da história dos artistas em geral pode ter sido fundamental na composição de *Ecce homo*, nesse panorama de pensar os aspectos artísticos e anedóticos de uma doxografia¹⁷³ em que o complexo ficcional paródico permite pensar a obra a partir de uma ineditividade narrativo-filosófica que se aproxima do pós-moderno¹⁷⁴.

¹⁶⁵ NIETZSCHE, F. *Ecce homo*, Preâmbulo, p. 21 (KSA 6, 11, p. 263); *Ecce Homo*, Assim falou Zaratustra, §1, p. 82 (KSA 6, 4, p. 335); *Ecce Homo*, Porque escrevo tão bons livros §1, p. 52 (KSA 6, 20, p. 298); *Ibidem*, §3, p. 56 (KSA 6, 30, p. 303).

¹⁶⁶ “ein Geschehnis oder etwas Erdachtes ausführlich, auf unterhaltsame Weise mündlich oder schriftlich wiedergeben” (*Digitale Wörterbuch der deutschen Sprache*).

¹⁶⁷ “narrare, enarrare, recitare: kurz, weitläufig erzählen; laut und heiter erzählen, *clare recitare*” (*Digitale Wörterbuch der deutschen Sprache*).

¹⁶⁸ ADELUNG, J. C. *Grammatisch-kritisches Wörterbuch der Hochdeutschen Mundart mit beständiger Vergleichung der übrigen Mundarten, besonders aber der oberdeutschen*.

¹⁶⁹ “o que se encontra escrito no texto doxográfico são sempre apenas ‘dizeres’” (CASSIN, B. *Se Parmênides. O tratado anônimo De Melisso Xenophane Gorgia*, p. 130).

¹⁷⁰ NIETZSCHE, F. *A Filosofia na idade trágica dos gregos*, Prefácio §1.

¹⁷¹ *Ibidem*, Prefácio §2. Ver também MEYER, M. “PHG: A filosofia na época trágica dos gregos” In: NIEMEYER, C. *Léxico de Nietzsche*, p. 445.

¹⁷² NIETZSCHE, F. *A Filosofia na idade trágica dos gregos*, Prefácio §2.

¹⁷³ Destaque para o fato de que *desafia bastante a “crítica filológica” e a atenção para o indício da relação entre “doxografia” e “biografia”*: WETZEL, M. “Autor/Kunstler” In: BARCK, K. et al. *Ästhetische Grundbegriffe. Historisches Wörterbuch in sieben Bänden*, p. 498.

¹⁷⁴ LOSSI, A. *L'io postumo. Autobiografia e narrazione filosofica del sé in F. Nietzsche*, p. 194.

Não à toa, é curioso notar que aquele que precisamente cunha o termo *doxographi* para a posteridade refuta a tese de Nietzsche sobre Diógenes Laércio¹⁷⁵. Tendo isso em vista, é lícito aceitar, com Jensen, o fato de que “há um tipo de falsidade” nas informações de *Ecce homo* acerca de sua correspondência com a vida do objeto ali narrado¹⁷⁶. Portanto, não deve se tratar de uma “autobiografia”¹⁷⁷. Na medida em que “não se deve tratar uma obra como um documento”¹⁷⁸, deve ser possível ler *Ecce homo* como um “discurso segundo” e, simultaneamente reconhecer, por meio daquilo que poderíamos chamar de construção da origem, que essa obra é uma doxografia sofisticada de si, devido ao fato de a identidade do autor, que um *Selbst* narrativo pressuporia, é na verdade “um efeito do dizer”. Eu gostaria de reconhecer aqui que o que está em jogo em *Ecce homo*, lido como contra-texto de seus *textos fundadores*, é o desvelamento doxosofístico de que o *Selbst* é um efeito do dizer: como salienta Martínez, um sujeito paradoxal que se expressa como múltiplo E unidade,¹⁷⁹ exatamente na configuração de uma performatividade sofisticada.

O que eu chamo de *doxografia sofisticada de si* é algo da ordem de um exercício performativo que concentra os esforços textuais em impedir e burlar a anulação histórico-filológica que o próprio Nietzsche observava ser recorrente na atitude de críticos que “passam imediatamente a borracha mesmo sobre o escrito mais negro possível” e, então, “borram o desenho mais gracioso com suas pinceladas grossas que devem ser vistas como correções”, e cuja conclusão é a de que após tal processo crítico “não resta mais nada”¹⁸⁰. Aquilo que Nietzsche performa como uma produção da origem em *Ecce homo* é algo que pode ser reconhecido na produção construída pela tradição de leitores de Homero enquanto um produto de um “juízo estético” (*Homero e a filologia clássica*), na medida em que, como “uma fatal impossibilidade feita real através de significado imaginário”¹⁸¹ – isto é, a radicalização de uma “unidade”, uma “personalidade individualizada”, a *monumentalidade* doxográfica de um *Selbst* cuja tarefa é o “destino” – é, então, performada *sofisticadamente*¹⁸². É como se Nietzsche, enquanto um “sofista”, empurrasse “antes, a origem com toda a velocidade, a velocidade do discurso e do átomo, em direção a seus excessos, suas realizações mais esgotadoras”¹⁸³.

Nesse sentido, um aspecto muito interessante da complexa relação do texto com seu leitor, nesse caso de *Ecce homo*, é o fato de que o entrelaçamento do uso da primeira pessoa do singular e da terceira pessoa no texto de Nietzsche é exatamente aquilo que aparece como espécie de “sintoma de ficcionalidade”, pelo qual Käte Hamburger e Ann Banfield analisam as narrativas em termos de uma tentativa de definição “sintática” da

¹⁷⁵ UGOLINI, G. “De Laertii Diogenis fontibus (1868/69, KGW II/1, 75–167)” In: OTTMANN, H. *Nietzsche-Handbuch: Leben, Werk, Wirkung*, p. 159.

¹⁷⁶ JENSEN, A. “*Ecce homo* as historiography”, p. 203.

¹⁷⁷ *Ibidem*, pp. 203–204.

¹⁷⁸ CASSIN, B. *O efeito sofisticado*, p. 252.

¹⁷⁹ MARTÍNEZ, R. S. »Aufzeichnungen eines Vielfachen« *Zu Friedrich Nietzsches Poetologie des Selbst*, p. 343.

¹⁸⁰ NIETZSCHE, F. *Segunda consideração intempestiva: da utilidade e desvantagem da história para a vida*, §5, p. 47.

¹⁸¹ PORTER, J. I. *Nietzsche and the philology of the future*, p. 64.

¹⁸² O que segundo Porter é parte de uma implícita “extensão e problematização da visão de Lange da *Persönlichkeit*” (*Ibidem*, p. 62).

¹⁸³ CASSIN, B. *Se Parmênides. O tratado anônimo De Melisso Xenophane Gorgia*, p. 110.

narrativa ficcional. Conforme destaca Schaeffer, “eles usam a perspectiva gramatical da terceira pessoa para apresentar a perspectiva mental da primeira pessoa”¹⁸⁴, o que, de outro modo, significa dizer que tal procedimento “convida a uma análise da narrativa ficcional em termos de simulação direta dos universos imaginários apresentados e (sobre o lado do leitor) em termos de imersão”. Isso é aqui interessante pois permite a identificação dessa modulação das vozes no texto de Nietzsche, tanto como uma espécie de “conhecimento da pluralidade das personae presente na forma de seu argumento filosófico”¹⁸⁵, quanto permite reconhecer tal performance textual como um gesto propriamente sofista de chamar “atenção para a disposição corpórea que vem à tona em suas expressões”¹⁸⁶. Ou seja, há uma espécie de “sofisticação da identidade”, no entanto, aquilo que é catalizado como tal não é propriamente o “equivoco do significante” no elemento textual da cópula “é”, como no texto Anônimo, mas sim tal realização se encontra no âmbito da identidade do gênero textual sob o qual o “excesso de identidade” é produzido no interior das vozes do texto que oscilam entre uma “apoteose do eu” e um “nós” cuja ambivalência promove a mais completa ininteligibilidade do gênero literário de *Ecce homo*.

Referências bibliográficas

- ADELUNG, Johann Christoph. *Grammatisch-kritisches Wörterbuch der Hochdeutschen Mundart mit beständiger Vergleichung der übrigen Mundarten, besonders aber der oberdeutschen*. Leipzig 1793-1801. Disponível em <<http://woerterbuchnetz.de/>> Acesso em outubro de 2023.
- BACHMANN, M. et al.; *Wörterbücher zur Sprach- und Kommunikationswissenschaft (WSK) Online*. De Gruyter, 2013. Disponível em: <encurtador.com.br/NWX67> Acesso em outubro de 2023.
- BALADIER, Charles; CASSIN, Barbara. “Doxa” In: CASSIN, Barbara et al. *Dictionary of Untranslatables: A Philosophical Lexicon*. Nova Jersey: Princeton University Press, 2014.
- BARBOSA, R. F. “A Witz sofisticada na filologia de Nietzsche” In: *Revista Trágica: estudos de filosofia da imanência*, Rio de Janeiro, v. 14, n. 3, pp. 65-101, 2021.
- BARBOSA, R. F. “Paracaracterísticas dos modos de escrita de Nietzsche” In: *Estudos Nietzsche*, Espírito Santo, v. 13, n. 1, p. 198-215, jan./jun. 2022.
- BENNE, Christian. “Nietzsche und die historisch-kritische Philologie”. *Monographien und Texte zur Nietzsche-Forschung*, v. 49. Berlim / Nova York: Walter De Gruyter, 2005.
- BENNE, Christian. “Paródia” In: NIEMEYER, Christian (Org.). *Léxico de Nietzsche*. São Paulo: Loyola, 2014.

¹⁸⁴ SCHAEFFER, J. “Fictional vs. Factual Narration” In: HÜHN P. et al. *Narratologia / Contributions to Narrative Theory*, p. 107.

¹⁸⁵ BENNE, C. *The Philosophy of Prosopopoeia*, p. 277.

¹⁸⁶ *Ibidem*.

- BENNE, Christian. The Philosophy of Prosopopoeia. *The Journal of Nietzsche Studies*, v. 47, Issue 2, Summer, pp. 275-286, 2016.
- BENNE, Christian. "La ricerca poetica di Nietzsche: un'etica dell'amicizia" In: LOSSI, Annamaria; ZITTEL, Claus. *Nietzsche scrittore. Saggi di estetica, narratologia, etica*. Pisa: ETS, pp. 31-52, 2014.
- BENNE, Christian; SANTINI, Carlota. "Nietzsche und die Philologie" In: HEIT, Helmut; HELLER, Liza (Orgs.). *Handbuch Nietzsche und die Wissenschaften*. Berlin / Boston: Walter De Gruyter, pp. 173-200, 2013.
- BEINERT, Wolfgang. *Sperrsatz*. Das Lexikon der Typografie. 27.12.2019. Disponível em: <<https://www.typolexikon.de/sperrsatz/>> Acesso: outubro de 2023.
- BRUSOTTI, Marco "Vom Zaratustra bis zu Ecce homo" In: OTMANN, Henning (Org.). *Nietzsche-Handbuch: Leben, Werk, Wirkung*. Stuttgart: Springer-Verlag, pp. 120-137, 2011.
- CASSIN, Barbara. *Aristóteles e o lógos. Contos de fenomenologia comum*. Trad. Luiz Paulo Rouanet. São Paulo: Editora Loyola, 1999.
- CASSIN, Barbara. *O efeito sofisticado*. Trad. Ana Lúcia de Oliveira, Maria Cristina Franco Ferraz e Paulo Pinheiro. Ed. 34, São Paulo, 2005.
- CASSIN, Barbara. "Foreword" In: GONÇALVES, Rodrigo Tadeu. *Performative Plautus: Sophistics, metatheater and Translation*. Nova York: Cambridge Scholars Publishing, 2015.
- CASSIN, Barbara. *Se Parmênides. O tratado anônimo De Melisso Xenophane Gorgia*. Trad. Cláudio Oliveira. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.
- CASSIN, Barbara et al. *Dictionary of Untranslatables: A Philosophical Lexicon*. Princeton: University Press, 2014.
- CHRISTIANS, Ingo. "Typus" / "Selbst" In: OTMANN, Henning (Org.). *Nietzsche-Handbuch: Leben, Werk, Wirkung*. Stuttgart: Springer-Verlag, p. 341; p. 321-322, 2011.
- DAHLKVIST, Tobias. "Why Was Nietzsche so Wise and so Clever? Ecce homo and the Melancholy Tradition" In: RESCHKE, Renate (ed.). *Nietzscheforschung*, v. 12. Berlin: Verlag, pp. 209-217, 2005.
- DISSER, Monika. Friedrich Nietzsche und das Experiment Schreibmaschine" In: *Archiv für Stenografie, Textverarbeitung, Informationstechnologie*", Disponível em: <<http://www.dwds.de>>. Acesso em: outubro de 2023.
- Digitale Wörterbuch der deutschen Sprache*. Disponível em: <<http://www.dwds.de>> Acesso em: outubro de 2023.
- EISENBERG, Peter. *Grundriss der deutschen Grammatik*. v. 2: Der Satz. 4. Stuttgart/Weimar: Auflage. Verlag J. B. Metzler, 2013.
- FRIES, Thomas; "Die Leerstelle. Der Zwischenraum" In: ABBT, Christine; KAMMASCH, Tim (Org.) *Punkt, Punkt, Komma, Strich? Geste, Gestalt und Bedeutung philosophischer Zeichensetzung*. Bielefeld: Transcript-verlag, pp. 165-176, 2009.
- GIACOIA, Oswaldo Jr. *Nietzsche: o humano como memória e como promessa*. Petrópolis: Vozes, 2013.
- HANDL, Jacob. *Ecce quomodo moritur justus*. Disponível em: <<http://goo.gl/OirC7Y>> Acesso em: outubro de 2023.

- HAVEMANN, Daniel "Tipo" In: NIEMEYER, Christian (org.) *Léxico de Nietzsche*. Loyola, 2014.
- HÖDL, Hans Gerald. Der letzte Jünger des Philosophen Dionysos. Studien zur systematischen Bedeutung von Nietzsches Selbstthematisierungen im Kontext seiner Religionskritik. *Monographien und Texte zur Nietzsche-Forschung*, v. 54, Berlin/New York: Walter De Gruyter, 2009.
- IKEN, Katja. "Klack-Klack-Klack-Klack-Bing!". Der Spiegel. 05.05.2017. Disponível em: <<https://goo.gl/vmcKir>> Acesso em: outubro de 2023.
- JAHRAUS, Olivier "Medienphilosophie" In: FEGGER, H. (Org.). *Handbuch Literatur und Philosophie*. Stuttgart/Weimar: Verlag Metzler, p. 292-310, 2012.
- JENSEN, Anthony "Ecce homo as historiography" In: *Nietzsche-Studien*, v. 40, Berlin / Nova York: De Gruyter, p. 203-225, 2011.
- JENSEN, Anthony. *Nietzsche's philosophy of history*. Nova York: Cambridge University Press, 2013.
- LANGER, Daniela. *Wie man wird, was man schreibt. Sprache, Subjekt und Autobiographie bei Nietzsche und Barthes*. Paderborn: München, 2005.
- LOPES, Rogério Antônio. *Elementos de retórica em Nietzsche*. Editora Loyola, São Paulo, 2006.
- LOSSI, Annamaria. *L'io postumo. Autobiografia e narrazione filosofica del sé in F. Nietzsche*. Tesi di dottorato di ricerca. Pisa, 2012. Disponível em: <<https://goo.gl/0KzwRm>> Acesso em: outubro de 2023.
- MAINSFELD, Jaap. "The Wilamowitz-Nietzsche Struggle: Another New Document and Some Further Comments" In: *Nietzsche-Studien*, v. 15, Berlin / Nova York: De Gruyter, pp. 41-58, 1986.
- MARTÍNEZ, Roberto Sanchiño. *Aufzeichnungen eines Vielfachen Zu Friedrich Nietzsches Poetologie des Selbst*. Bielefeld: Transcript Verlag, 2013.
- MEYER, Matthew "PHG: A filosofia na época trágica dos gregos" In: NIEMEYER, Christian (org.). *Léxico de Nietzsche*. São Paulo: Loyola, pp. 444-446, 2014.
- MORE, Nicholas D. *Nietzscht's Last Laugh. Ecce Homo as Satire*. Nova York: Cambridge Press, 2014.
- MÜLLER, Enrico; SOMMER, Andreas Urs. "Einleitung zur Werkstatt" In: RESCHKE, Renate (Org.). *Nietzscherforschung*. Vol. 12. Berlin / Boston: Akademie Verlag, pp. 127-131, 2005.
- NIETZSCHE, Friedrich. *Digitale Kritische Gesamtausgabe Werke und Briefe*. Disponível em: <<http://www.nietzschesource.org/#eKGWB>>. Acesso em: fevereiro de 2023.
- NIETZSCHE, Friedrich. *KGW IX/9*. Hrsg. v. Marie-Luise Haase und Martin Stingelin. Bearb. v. Marie-Luise Haase, Thomas Riebe, Beat Röllin, René Stockmar, Franziska Trenkle, Daniel Weißbrodt. Unter Mitarbeit v. Karoline Weber. Berlin / Boston: Walter De Gruyter 2012.
- NIETZSCHE, Friedrich. *A Filosofia na idade trágica dos gregos*. Trad. Maria Inês Vieira de Andrade. Edições 70 (Edição digital), 2020.
- NIETZSCHE, Friedrich. *A gaia ciência*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- NIETZSCHE, Friedrich. *Além do bem e do mal*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

- NIETZSCHE, Friedrich. *Ecce homo: como alguém se torna o que é*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.
- NIETZSCHE, Friedrich. *Humano, demasiado humano*. Vol. II, São Paulo: Companhia das Letras, 2017.
- NIETZSCHE, Friedrich. *Correspondencia I, Junho 1850 – Abril 1869*. Madrid: Trotta, 2005.
- NIETZSCHE, Friedrich. *Genealogia da moral*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- NIETZSCHE, Friedrich. *Segunda consideração intempestiva: da utilidade e desvantagem da história para a vida*. Trad. Marco Antônio Casanova. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2003.
- ORSUCCI, Andrea. “Antike, römische” In: OTMANN, Henning (Org.). *Nietzsche-Handbuch: Leben, Werk, Wirkung*. Stuttgart: Springer-Verlag, pp. 379-380, 2011.
- PAES, José Paulo “Sterne ou o horror à linha reta” In: STERNE, Laurence. *A vida e as opiniões do cavaleiro Tristram Shandy*. Trad., introdução e notas de José Paulo Paes. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.
- PICHLER, Axel. “Philosophie als Text – Zur Darstellungsform der Götzendämmerung”. *Monographien und Texte zur Nietzsche-Forschung*, vol. 67. Berlim / Boston: De Gruyter, 2014.
- PINDAR “The Odes of Pindar” In: CRANE, Gregory [Ed.]. *Perseus Digital Library*. Tufts University. 1937. Disponível em: <<https://goo.gl/Zg1NBy>> Acesso em: setembro de 2023.
- PORTER, James I. *Nietzsche and the philology of the future*. California: Stanford University Press, 2000.
- RAHN, T. “Delle nuove tavole. Sull’arte tipografica come mezzo interpretativo in Nietzsche” In: LOSSI, Annamaria; ZITTEL, Claus.; *Nietzsche scrittore*. Pisa: ETS, pp. 47-51, 2014.
- RIES, Wiebrecht “EH: Ecce homo”. In: NIEMEYER, Christian (org.) *Léxico de Nietzsche*. Loyola, pp. 169-172, 2014.
- RODRIGUES, Diego; NUNO, F. (Org.). *Larousse escolar da língua portuguesa*. São Paulo: Larousse, 2004.
- SCHAEFFER, Jean-Marie. “Fictional vs; Factual Narration” In: HÜHN, Peter *et al.* (Org.). *Narratologia / Contributions to Narrative Theory: Handbook of Narratology*. Berlin: De Gruyter, pp. 98-114, 2009.
- SLOTERDIJK, Peter. *Regras para o parque humano: uma resposta à carta de Heidegger sobre o humanismo*. Trad. José Oscar de Almeida Marques. São Paulo: Estação Liberdade, 2000.
- SLOTERDIJK, Peter. *Nietzsche Apostle*. Trad. Steven Corcoran. Semiotext(e), Los Angeles, 2013.
- SLOTERDIJK, Peter. *Philosophical Temperaments. From Plato to Foucault*. Nova York: Columbia Press, 2013.
- SOMMER, Andreas Urs. *Nietzsche-Kommentar. Kommentar zu Nietzsches Der Antichrist. Ecce homo. Dionysos-Dithyramben. Nietzsche contra Wagner*. Vol. 6/2, Berlim / Boston: Walter De Gruyter, 2013.
- SOMMER, Andreas Urs. *Nietzsche und die Folgen*. Stuttgart: J.B. Metzler Verlag, 2017.

- STEGMAIER, Werner. *As linhas fundamentais do pensamento de Nietzsche: coletânea de artigos: 1985-2009*. Organização de Jorge Luiz Viesenteiner e André Luis Munis Garcia. Petrópolis: Vozes, 2013.
- TONGEREN, Paul v. *A moral da crítica de Nietzsche à moral: estudo sobre "Para além de bem e mal"*. Trad. Jorge Luiz Viesenteiner. Curitiba: Editora Champagnat, 2012.
- UGOLINI, Gherardo "De Laertii Diogenis fontibus (1868/69, KGW II/1, 75-167)" In: OTTMANN, Henning (Org.). *Nietzsche-Handbuch: Leben, Werk, Wirkung*. Stuttgart/Weimar, pp. 159-160, 2011.
- VIESENTEINER, Jorge Luiz. *Nietzsche e a vivência de tornar-se o que se é*. Campinas: PHI, 2013.
- VIESENTEINER, Jorge Luiz. *Sobre autoencenação e autogenealogia no Crepúsculo dos ídolos de Nietzsche*. Estudos Nietzsche. Curitiba, v. 5, n. 2, Jul./dez, pp. 189-214, 2014.
- WELLNER, Klaus "Máscara, ator" In: NIEMEYER, Christian (Org.) *Léxico de Nietzsche*. Loyola, pp. 364-365, 2014.
- WETZEL, Michael. "Autor/Kunstler" In: BARCK, Karlheinz *et al.*; *Ästhetische Grundbegriffe. Historisches Wörterbuch in sieben Bänden*, v. 1 Stuttgart/Weimar: A-D. Metzler, pp. 480-543, 2010.
- WRIGHT, J. Lenore. *The Philosopher's "I". Autobiography and the Search for the Self*. Nova York: [s.e.], 2006.
-

Recebido: 12/02/2023
Aprovado: 13/04/2024

Received: 12/02/2023
Approved: 13/04/2024